**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

PAULO HENRIQUE BARBOSA DIAS

MÚSICA QUE MEU POVO GOSTA

Campinas

2007

PAULO HENRIQUE BARBOSA DIAS

MÚSICA QUE MEU POVO GOSTA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Mário O. Ramos

Campinas

2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Paulo Henrique Barbosa Dias

MÚSICA QUE MEU POVO GOSTA

Tese de Doutorado em Ciências Sociais
apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. José
Mário Ortiz Ramos.

Este exemplar corresponde à versão final
da Tese defendida pelo autor e aprovada
pela Banca Examinadora em 28 de agosto
de 2007.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Mário Ortiz Ramos

Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Prof. Dr. José Roberto Zan

Profa. Dra. Elizabeth Murilho da Silva

Profa. Dra. Maria Eduarda * Guimarães

Profa. Dra. Bela Bianco

Prof. Dr. Antonio Augusto Arantes

Prof. Dr. Marcelo Ridenti

Agosto de 2007

AGRADECIMENTOS

Contei para a realização deste trabalho com o apoio e o estímulo de muitos. Kátia Eugênio, além de ter promovido minha inserção no local de pesquisa, incentivou-me constantemente durante todas as fases da tese. A generosidade e o interesse devotado por Martha Ramirez-Galvez a este trabalho foram inigualáveis. Sua contribuição foi fundamental. Rita Morelli em mais de uma ocasião se dispôs a ler atenta e criticamente versões do que se tornou esta tese. As contribuições de José Roberto Zan, que participou do exame de qualificação foram essenciais. Ao meu orientador José Mário Ramos quero agradecer o incentivo constante. Meus colegas do curso de Ciências Sociais da UNIOESTE me proporcionaram as condições adequadas para a realização deste empreendimento. Em especial, quero registrar minha gratidão à ajuda que Paulo Azevedo forneceu no processamento dos dados quantitativos – e aos mimos tão imprescindíveis. E também meu reconhecimento ao fundamental auxílio dado por Salete Amorim com os ajustes de última hora. Recebi auxílio da Capes durante parte do período em que a pesquisa foi realizada. Em muitos momentos recorri e pude contar com a competência dos serviços de Gilvani, Maria Rita, Devison, Silvia Lúcia. Gostaria ainda de agradecer àqueles que me acolheram no DIC: Otília, Jô, Lucimar, e meus amigos Deth, Fil. Além de todos aqueles que, com suas informações, colaboraram para o desfecho desta pesquisa.

RESUMO

A tese analisa os modos como um grupo de sujeitos localizados socialmente define suas preferências por bens simbólicos em geral e por obras, intérpretes, gêneros e estilos musicais em particular. Para tanto procuro 1) definir que lugar ocupa o consumo de bens simbólicos – em especial a música – no conjunto de experiências de que os sujeitos participam – a posição deste tipo de consumo na hierarquia de suas prioridades; e 2) descrever as situações concretas em que as obras são apreendidas e os processos através dos quais as experiências de que o sujeito participa cotidianamente definem os significados atribuídos às obras.. A pesquisa toma por referencial empírico habitantes de uma região localizada na periferia de Campinas (Distrito Industrial de Campinas, o DIC). Tal escolha deveu-se ao meu interesse em abordar a discussão sobre gosto ancorando-a no espaço social definido pelo pertencimento aos segmentos populares. Assim, associa-se, na pesquisa, análises de correlações entre fatores sócio-econômicos e práticas de consumo de bens simbólicos às baseadas em observações etnográficas dos comportamentos e percepções dos atores. Entre muitos padrões observados pode-se perceber a predominância dos repertórios caracterizados pelo ecletismo, o que em determinadas situações estaria associado a algum grau de tolerância à diversidade.

ABSTRACT

This thesis analyze the ways that groups of specific places define your preferences about symbolic goods in general and about oeuvres, interprets, genders and musical styles in particular. To make this work try to: 1) define the place of the consume of symbolic goods – especially music – in these peoples' experiences – the position of this kind of spend in the priorities' hierarchy; 2) To describe the concrete situations where the artistic oeuvres are apprehended and the process through of the daily experiences of this people define the meanings attributed to this oeuvres. The research uses as empiric referential, the habitants of a region placed in the Campinas' periphery (Industrial District of Campinas, DIC). This choice comes from my interests in approaching the discussion about taste linked in the social space defined by the belonging to the popular social segments. Thus, it is associated in the research, analysis of correlations between socioeconomics factors and practices of consume of symbolic goods. Among many patterns observed it is possible to perceive the predominance of repertoires characterized by the eclecticism. It, in some circumstances, could be associated to the tolerance to the diversity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sexo	45
Tabela 2. Faixas de Idade	46
Tabela 3. Raça	46
Tabela 4. Escolaridade	47
Tabela 5. Escolaridade Recodificada	47
Tabela 6. Renda Familiar	48
Tabela 7. Preferências	53
Tabela 8. Tipos de Músicas Rejeitadas	54
Tabela 9. Tipos de Músicas mais ouvidas	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A CULTURA COMO PROBLEMÁTICA	19
Estudos Culturais	19
Abordagem da Recepção.....	21
Recepção e Circularidade de Discursos	22
Recepção, Culturas e Hegemonia	24
Do Popular ao Massivo	26
Hibridismo cultural e Hegemonia	29
As Mediações nos Estudos de Recepção	32
2. GOSTO	35
Uma Discussão Sociológica sobre os Gostos	36
Gosto <i>Omnivoro</i> e Práticas Ecléticas: uma nova legitimidade	39
3 PERFIL DA AMOSTRA E PRÁTICAS CULTURAIS	45
4 DIC DISTÂNCIA INCALCULÁVEL DO CENTRO	57
A Arte de se Cultivar o Bem, o Bom e Belo	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO.....	99
APÊNDICE B – VARIÁVEIS SÓCIO-ECONÔMICAS E PREFERÊNCIA MUSICAL	108

INTRODUÇÃO

Cada contexto sócio-cultural particular provê seus participantes de um quadro de referências específico, que é seu guia de classificação de objetos, e funciona, assim, como matriz dos gostos.

Pode-se dizer que há, em relação a este fato, duas hierarquias. Uma é a hierarquia que se pode observar empiricamente entre os agentes: cada um deles terá uma ordem de preferências. Bens que rejeitam, outros em relação aos quais são indiferentes, e aqueles que são seus objetos de predileção.

A outra hierarquia tem caráter analítico: podemos, e talvez devamos admitir graus diferenciados de liberdade presentes nas diferentes situações de escolha diante das quais se colocam os agentes - ou nas quais são colocados. De outra forma poderíamos dizer que em todas as situações os agentes vêm-se diante de uma complexa combinação de livre arbítrio e constrangimentos sociais múltiplos. Penso que é correto afirmar que cada forma de organização social concreta produz hierarquias dos dois componentes. Cada contexto social específico determina o lugar naquelas hierarquias ocupado por cada um dos aspectos que compõem a vida social. Em um deles, por exemplo, as normas que regem as relações conjugais seriam tão rigidamente condicionadas pela totalidade das demais relações sociais, que se torna inoportuno falar de escolha ou livre-arbítrio. Noutra conjuntura é a definição das formas e itens de alimentação que ocupa posição extrema na ordem dos fatores sociais intensamente controlados.

Dessa discussão nos interessa o que ela nos possa revelar quanto ao lugar da escolha, realizada pelos agentes, de bens simbólicos produzidos pela indústria cultural. Penso que as sociedades modernas ocidentais organizam-se de forma a conferir àquele tipo de seleção um status de liberdade formal. Trata-se de situação em que os agentes são levados a se comportar como que guiados prioritariamente por seus desejos ou impulsos.

Os Cientistas Sociais gastaram grande quantidade de páginas com a discussão do problema da natureza da ordem social. Pelo caráter pluriparadigmático das disciplinas envolvidas, é também imensa a variedade de explicações fornecidas, que vão de caracterizações

de realidades coletivas impostas com rigidez indiscutível a descrições de cenários cujos traços distintivos são a recriação da realidade a cada instante.

Como nos lembra Berger (1976), uma discussão sobre liberdade individual extrapola os limites da ciência, dado que esta deve, necessariamente, vincular-se a evidências empíricas, cujos elementos aquela não fornece. Berger não pretende, com sua afirmação, defender a idéia de que tal tema – em função de sua não-objetividade – não merece ser objeto de reflexão. Ele mesmo oferece sua contribuição para tal discussão¹. Num tom muito menos resignado, Edgar Morin expressa um diagnóstico semelhante ao de Berger. A cultura ocidental seria caracterizada pelo fato de nela existirem dois mundos. Um mundo dos objetos, relevante ao conhecimento científico e sua objetividade; e outro mundo, um mundo intuitivo, reflexivo, o mundo dos sujeitos, que compete a outra forma de conhecimento. Não há, então, para ele, sustentação para a noção de sujeito no domínio da cientificidade clássica (Morin, 1997).

Seu argumento, apresentado no artigo *a noção de sujeito*, é o de que na vida cotidiana dizemos de homens e mulheres que são bons, excelentes pessoas, sem-vergonhas ou canalhas, mas a cultura ocidental seria esquizofrênica exatamente por conter uma outra dimensão que nega veementemente a validade daquelas avaliações – esquizofrênica porque é uma cultura dividida em dois mundos. Já presente em outros domínios, a cientificidade clássica invade as ciências Humanas e sociais no século XX. O sujeito é expulso e substituído por diferentes determinismos.

Há certo consenso de que Georg Simmel é, entre os clássicos, o teórico por excelência da vida cotidiana. Seus estudos recobrem um vasto campo de investigações, passando pela moda, coqueteria, os sentidos, a influência do dinheiro. É neste domínio, como quer Morin (1997), que sentimo-nos como sujeitos e vemos aos outros como sujeitos. No seu artigo sobre a vida nos grandes centros, Simmel (1967) busca compreender como a forma mais típica de organização social moderna – a metrópole – repercute sobre as manifestações ou expressões de afetividade. Trata-se, portanto, não de um projeto voluntarista, que vise afirmar a plena autonomia das consciências, mas, muito ao contrário, de uma descrição de como configurações mentais se correlacionam a formas de organização social.

¹ Cf. o capítulo da obra citada “A perspectiva sociológica – A sociedade como drama”.

A avaliação de Simmel é a de que a metrópole reserva aos seus habitantes – trata-se, na realidade, de membros, já que ele se refere mais a um tipo de organização que a uma delimitação espacial – um destino tragicômico. Para Simmel, nos contextos rurais ou das pequenas cidades, a sociedade nutre pelos indivíduos uma espécie de ciúme, impondo-lhes uma série de restrições. Porém, os indivíduos dos grandes centros urbanos, onde se amenizam tais restrições, também têm dificuldade em exercer sua individualidade. Na formulação de Simmel, nas comunidades “pré-metropolitanas”, a coletividade toma para si a função de intervir no destino de cada um de seus indivíduos. A noção de escolha aparece nestes contextos de forma muito pouco acentuada. As tomadas de decisão ocorrem, portanto, coletivamente. Esta tutela vê-se, contudo, esvanecida na vida metrópole. É aí que, potencialmente, o indivíduo pode reivindicar e exercer o livre arbítrio.

A metrópole expõe seus habitantes a uma tão intensa diversidade de objetos e sensações que vai gradativamente tornando-os imunes aos efeitos de tal exposição. É o comportamento caracterizado por esta imunidade reativa que Simmel (1967) qualifica como atitude *blasé*. O convívio com os múltiplos impulsos sensoriais oferecidos pela metrópole leva seu indivíduo típico a se retrair a um universo em que a racionalidade prevalece sobre a emoção. O homem da metrópole tem diante de si imensa diversidade de objetos. Paradoxalmente atenua-se sua capacidade de realizar escolhas: “objeto algum merece preferência sobre outro” (p. 16)

Parte do que foi dito, encontra-se sintetizado na seguinte afirmação de Simmel: “a metrópole confere ao indivíduo uma qualidade e quantidade de liberdade pessoal que não tem qualquer analogia sob outras condições.” (p. 18).

Durante a redação do seu *O Processo Civilizador*, Norbert Elias sentiu necessidade de aprofundar a discussão – que já aparece de forma incipiente nesta obra – sobre as relações entre indivíduo e sociedade. Com esta motivação escreveu em épocas diversas textos que têm como tema explícito aquela relação. No texto “Mudanças na Balança Nós-Eu” (Elias, 1994) Elias propõe uma metodologia que aborde as questões a partir da sociologia dos processos. Sua intenção é evitar uma perspectiva que se oriente apenas com respeito à situação atual. É exatamente esta metodologia que lhe permite instaurar um questionamento radical. Trata-se de considerar a possibilidade de que há sociedades e que houve estágios no desenvolvimento das modernas sociedades ocidentais, em que conceitos como “individual” e “social” não existem ou

existiram com a conotação que lhes conferimos. Sua proposta é a colocação entre parênteses da idéia de indivíduo, significando uma entidade autônoma, diferente de todas as demais, com validade universal e atemporal.

As concepções expressas por Elias são, por vezes, bastante próximas daquelas observadas no texto analisado de Simmel. Proximidade que fica patente na seguinte passagem:

A cada transição de uma forma menos populosa e menos complexa da organização predominante de sobrevivência para uma forma mais populosa e mais complexa, a posição de cada pessoa isolada em relação à unidade social que todas compõem juntas – em suma, a relação entre indivíduos e sociedade – modifica-se de modo característico. O avanço para uma nova forma dominante de um tipo mais complexo e mais abrangente de organização humana caminha de mãos dadas com uma nova mudança e um padrão diferente de individualização (p. 139).

Elias não só correlaciona as noções de diferenciação social e individualização, como considera pertinente associá-las à idéia de desenvolvimento e de estágios. Conseqüentemente são nas sociedades que lograram alcançar os mais elevados estágios de desenvolvimento que se encontram as maiores possibilidades de efetivação dos processos de individualização. Há, nestas sociedades, uma instância cujo papel naqueles processos é mais relevante que qualquer outra: o Estado. Instituição que desempenha uma função dupla e contraditória em relação ao indivíduo. De um lado seu tratamento burocrático e formal (em seus registros indivíduos transformam-se em números, códigos de contribuintes, etc.) elimina as diferenças entre as pessoas, despojando-as de suas personalidades características. Contudo, mesmo introduzindo o indivíduo numa rede de normas basicamente igual para todos os cidadãos, “a moderna organização estatal não se relaciona com as pessoas como irmãos ou tios, como membros de um grupo familiar ou de uma das outras formas pré-nacionais de integração, e sim com as pessoas como indivíduos” (p. 149). Em graus diferenciados, o que a emergência dos Estados nacionais proporcionou foi a intensificação da individualização traduzida em autocontrole, margem de decisão e liberdade pessoal de escolha.

No artigo Romeu e Julieta e a Origem do Estado (Castro; Araújo, 1977) os autores propõem uma interpretação da obra de Shakespeare na qual ela é tomada como “mito de origem” que “inaugura um mundo novo habitado por uma outra concepção das relações entre os indivíduos e a sociedade” (p. 142).

Os autores tomam alguns dos marcos constitutivos da Antropologia para, a partir da representação de amor presente na obra analisada – admitida como signo emblemático da tradição cultural ocidental – apreender a lógica de determinadas relações sociais e o sistema de oposições e compatibilidades subjacentes às mesmas.

Retomando obras de Malinovski e Radicliif-Brown os autores salientam a perspectiva partilhada por ambos, que opõe direito a afeto². Tal oposição é conceituada por Viveiros de Castro e Benzaquen como “alocação diferencial da autoridade e do sentimento”. Esta perspectiva sustentaria uma visão de sociedade em que relações sociais estariam distribuídas em campos complementares. De um lado, a obrigatoriedade, a exterioridade, a generalidade e os sentimentos obrigatórios. No outro lado encontram-se as escolhas individuais e a livre opção. Apesar de sedutora, tal perspectiva traz, conectada a ela, “a tendência a se confundir aquela dicotomização com uma partição ontológica do mundo em um domínio submetido a regras e outro que a elas escapa.” (p. 138).

O tema do texto analisado é a autonomização do domínio afetivo. O que é feito a partir de uma leitura da obra que observa com atenção aqueles sistemas de oposições e compatibilidades. A oposição fundamental contida na narrativa se estabelece entre amor (relação real e necessária entre indivíduos) e família (relação nominal e arbitrária). Oposição presente no mesmo sistema que associa amor a destino e opõe este último à lógica social. O mundo novo com sua nova concepção de relação entre indivíduo e sociedade é um mundo que vê embotar-se cada vez mais uma lógica social (simultaneamente moral e religiosa) capaz de determinar que alianças devem ser firmadas, no qual emerge uma ordem fundada na idéia de destino. “Ordem cósmica impenetrável aos desígnios humanos e que pouco leva em consideração as distinções sociais.” É um mundo em que se enfraquecem alianças e sentimentos institucionalizados e tradicionais e que abre espaço para a emergência de um amor tipicamente “carismático”.

Um paradoxo identificado por Viveiros de Castro e Benzaquen de Araújo não deve deixar de ser sublinhado: caso limite, ou tipo ideal o que sucede é que o amor põe em questão a noção

² É interessante comparar esta oposição com a polarização proposta por Simmel, acerca da vida metropolitana, entre os termos racionalidade e emotividade.

de indivíduo tal como definida na cultura ocidental. Isto porque a fusão de individualidades que ele significa é o paradoxo que o amor oferece ao indivíduo moderno.

Os autores não deixam de perceber, contudo, que “Romeu e Julieta” assinalam também a ruptura de uma ordem do mundo onde o cósmico e o social estão incluídos no mesmo sistema. A partir de “Romeu e Julieta” o sociológico se retira para as esferas estatais. Passamos a ter, então, indivíduos e o Estado.

O mesmo processo que permite a emergência de um amor tipicamente “carismático” – ruptura de um todo (moral-social-religioso) e diferenciação de domínios – dá margem à separação entre um Estado submetido a uma racionalidade própria e uma sociedade civil. Tanto a razão de estado quanto a desrazão dos amantes se afastam da razão social tradicional. Poder e amor são ambos arbitrários.

Dessa razão social tradicional também se afastaria, segundo Giddens, a noção de estilo de vida. Esta é entendida como conjunto de práticas rotinizadas, “rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir, lugares preferidos de encontrar os outros.” A noção estaria associada à idéia de escolha, de decisões – pequenas e grandes – através das quais define-se como agir e quem ser.

As situações aludidas pelo autor são as condições da alta modernidade. Seu entendimento é o de que nestas condições, seguimos estilos de vida, porque somos obrigados a fazê-lo. “Não temos escolha senão escolher”.

Escolhas, subjetividades, gostos, individualidades. Pertencimentos, identificações, participações, condicionamentos. É da possibilidade de discutir estes termos e suas inter-relações que trata este trabalho.

O objetivo dessa tese é descrever a maneira como pessoas pertencentes às classes populares apropriam-se de formas de expressão musicais, sobretudo canções, identificando gêneros e estilos mais recorrentes. Meu interesse está concentrado na sua inclinação para fazer determinadas escolhas em detrimento de outras. É por isso, uma tese que fala simultaneamente de gosto, consumo, recepção. É importante salientar os limites deste trabalho. Baseado, em larga

medida, em dados obtidos através e a partir de observação etnográfica, a pesquisa não proporciona, em toda sua extensão, conclusões fundamentadas na lógica da causalidade.

Defini como um dos marcos delimitadores da investigação empírica o pertencimento a um espaço social que qualifiquei como “popular”. Tal opção contém alguma imprecisão. Não concebo este espaço como homogêneo. O que busco é delimitar um ângulo de pesquisa a partir do qual possam ser realizadas análises particularizadas.

Baseado nesta primeira decisão, fiz a opção de conseqüências ainda mais fundamentais para as dimensões empíricas da pesquisa, por um recorte espacialmente orientado. O raciocínio seguido levava em consideração a concentração das classes trabalhadoras, das populações de baixa renda, dos grupos subalternos, dos pobres, nas periferias das cidades. Classes populares seria o conceito que sintetiza todas aquelas atribuições. É um conceito mais analítico do que descritivo. Sua construção antecede a observação direta.

A coleta de dados, a obtenção das informações, as observações, deveriam, portanto, ser realizadas em um bairro de periferia. Campinas não foi escolhida por quaisquer características que conferissem a ela um caráter estratégico para este tipo de estudo, mas porque era o local em que residia.

Devo, logo, reconhecer a arbitrariedade daquela primeira decisão. Nenhum **espaço social** tem traços inerentes que o torne mais adequado a uma investigação da natureza da que é aqui relatada. Pesquisar o gosto de segmentos médios, de elites, classes dominantes, porções ilustradas ou intelectualizadas de uma dada sociedade é tão justificável quanto investigar o gosto de suas frações populares. Penso que o mais produtivo intelectualmente seria mesmo uma abordagem que comparasse padrões e tendências entre as várias posições sociais. Mas, tomada a decisão de incluir na pesquisa a investigação de caráter etnográfica, foi necessário estabelecer um contexto e uma localidade geográfica em que realizaria o estudo.

A primeira tarefa da parte prática da investigação consistiu, portanto, em viabilizar as condições para que eu pudesse ter acesso a alguma comunidade da periferia de Campinas na qual poderia contar com alguma interlocução inicial. Esta oportunidade surgiu no Distrito Industrial de Campinas – DIC.

A localidade escolhida situa-se no vetor sudoeste de expansão da cidade, na direção dos municípios de Sumaré, Hortolândia, Monte-Mor e Indaiatuba. Região de expansão urbana associada ao intenso crescimento ao longo da rodovia Anhanguera, sua dinâmica esteve associada às regras de instalação industrial vinculada à interiorização. O movimento de periferização da região sudoeste foi reforçado pela abertura do aeroporto de Viracopos, pela implantação do Distrito Industrial de Campinas, e pela implantação de vários conjuntos habitacionais das COHABs nesta região no município. (Oliveira, 2002) Apesar de todo o dinamismo da região, a pobreza urbana, o desemprego, a exclusão social de grandes parcelas da população acentua-se, e torna-se ainda mais evidente a formação de uma periferia regional com baixa qualidade de vida e condições precárias. O reflexo desse quadro é o aumento da violência, da segregação e exclusão social da população urbana. A ocupação do território em que se localizam os DICs foi intensificada principalmente nas décadas de 70 e 80. De acordo com Caiado, essa região provavelmente recebeu alto número de imigrantes que contribuíram para o seu crescimento populacional e a formação de periferias urbanas em Campinas e região. Tal segregação espacial esteve associada a alto grau de ilegalidade em relação às leis urbanísticas e do acesso à moradia e à terra urbana.

Ao longo do texto muitos nomes são citados. São todos fictícios para preservar, na medida do possível, a privacidade daqueles que colaboraram com a pesquisa fornecendo seus depoimentos.

Além das observações e das entrevistas – cuja quantidade é igual a trinta se forem incluídas as que não foram registradas com gravador – foi realizada uma enquête através da aplicação de 238 questionários nas mesmas localidades em que foi feito o estudo etnográfico. Esta foi a parte mais coletiva da pesquisa. Conteí com o apoio de uma equipe para a realização do *survey* e para o processamento dos dados.

1. A CULTURA COMO PROBLEMÁTICA

Estudos Culturais

A localização da cultura fora da sociedade, observada em determinadas teorias, foi a principal denúncia promovida pelos Estudos Culturais. Richard Hoggart, Raymond Williams, juntamente com o historiador Edward P. Thompson, são considerados os fundadores, na década de 60, das idéias do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea de Birmingham.

Em *The Long Revolution* R. Williams, ampara-se na Antropologia para redefinir cultura como processo global através do qual as significações se constroem social e historicamente e são, ao mesmo tempo, elementos importantes de sua constituição. Em seu livro *Cultura* (1992), Williams vai analisar a cultura como conceito de convergência de abordagens antropológica e sociológica e adotá-la para sua proposta de sociologia da cultura.

O ponto de vista da recepção, que é um dos ângulos do problema abordado nesta tese, só pode ser entendido de forma distinta das teorias funcionalistas e dos usos e gratificações se for pensado como processo que põe em operação sistemas de significados que compõem, cada vez de maneira mais intensa, o modo de vida global.

Williams critica também as abordagens que consideram a cultura mero reflexo de determinismos econômicos e tecnológicos. Para Williams, uma teoria da cultura admitirá a diversidade e a complexidade, levará em conta a continuidade dentro da mudança, aceitará o acaso e certas autonomias limitadas; mas, com essas ressalvas, considerará os fatos da estrutura econômica e as relações sociais deles decorrentes como fio condutor que entrelaça uma cultura e, acompanhando-o, é que se poderá compreendê-la (Williams, 1969: 279).

Para Thompson é fundamental salientar a pluralidade cultural. Os estudos sobre as culturas devem ressaltar os conflitos, os modos diferenciados de vida ligados às diferentes culturas e às classes sociais.

Segundo Stuart Hall o objetivo de Estudos Culturais é definir o estudo da cultura própria da sociedade contemporânea. Sua intenção é demonstrar a relação existente entre o sistema social, a continuidade e as transformações do sistema cultural e social.

Muitos teóricos influenciaram o pensamento do Centro de Estudos Culturais. A escola de Chicago deu sua contribuição através das pesquisas etnográficas. As contribuições do marxista Georg Lukács, principalmente através de sua obra *História e consciência de classe*, de Mikhail Bakhtin e seus estudos sobre filosofia da linguagem, poética e cultura popular, de Walter Benjamin, Louis Althusser e de Lucien Goldmann compõem o perfil de base dos trabalhos de Hoggart, Hall, Williams e Thompson.

Gramsci influenciou consideravelmente os Estudos Culturais. Dele vem o conceito de hegemonia, definida, de maneira geral, como a capacidade de um grupo exercer, através da direção política, o controle da sociedade. Tal controle hegemônico é possibilitado por um complexo processo de luta, negociação, compromissos e mediações entre uma classe social e outra, entre um grupo e outro. Construir a hegemonia é estabelecer um conjunto de relações complexas através das quais se exerce o trabalho de mediação e de compromisso entre interesses do grupo dominante e os dos grupos aliados e subordinados, determinando a unidade dos objetivos políticos e econômicos. A hegemonia é característica da sociedade civil e se constrói e se expressa através da direção ideológica da sociedade. O conceito demonstra a constante luta travada entre os diferentes modos de ver o mundo, resultando na hegemonia de um deles. Hegemonia e não dominação absoluta, pois em maior ou menor escala sempre há resistência, contra-hegemonia, luta por mudanças, como também incorporação e troca de valores. Portanto, o campo cultural é mais uma arena de luta por hegemonia.

Do ponto de vista aplicativo do pensamento do Centro de Birmingham, as pesquisas tendem a duas linhas: uma com trabalhos que analisam a produção dos meios de comunicação, enquanto sistema complexo de práticas determinantes para o processo de elaboração da cultura e da imagem da realidade; e outra com trabalhos na linha da análise do consumo dos meios de comunicação, enquanto espaço de luta e negociação de valores e sentidos entre práticas comunicativas diferenciadas.

Se o método de análise histórico, a etnografia e as análises dos discursos produzidos pelos receptores são fundamentais para as pesquisas de Estudos Culturais, é fundamental, também, do ponto de vista da conceituação teórica, além da concepção de cultura, o entendimento que se tem de massa. Williams destaca que a idéia de massa sempre aparece com o significado de que "massa são os outros" e salienta: "A idéia de comunicação de massa parece depender muito mais da intenção do orador ou do escritor do que da particular técnica empregada" (Williams, 1969: 309).

As pesquisas decorrentes de Estudos Culturais, na década de 80, apropriaram-se, ainda, das contribuições do antropólogo americano Clifford Geertz e seu conceito de cultura como complexa rede de significados, que vai influenciar, principalmente, estudos feministas. Outro aporte teórico vem do sociólogo Anthony Giddens e sua teoria da estruturação das práticas sociais, que influenciou pesquisadores do grupo "Poder ativo da audiência", do Centro de Estudos Cinematográficos da Universidade de Londres, bem como pesquisadores latino-americanos como Guillermo Orozco.

Abordagem da Recepção

Nas Teorias da Comunicação a cultura e o cotidiano vão ganhando importante destaque para que se compreenda como o sujeito está inserido no processo comunicacional e como as implicações econômicas e políticas atuam e compõem, na atualidade, a arena das relações sociais, onde se reconhece que a luta pelos sentidos se dá de forma mais estreita e próxima ao cotidiano.

É nesse quadro que ganham proeminência os Estudos de Recepção, pois eles podem ajudar a compreensão do que se passa no processo comunicacional e como essa comunicação adquire sentido, valor, ao tornar-se conhecimento para o sujeito receptor.

Os meios de comunicação e as novas tecnologias, ao trazerem em si mesmos a lógica da reprodução / reelaboração de mensagens, a maior facilidade de trânsito das informações e do conhecimento, a possibilidade de transmissão da herança cultural de uma geração para outra,

colocaram à mostra os diferentes sentidos e as diferentes formas das expressões culturais que circulam na sociedade. Em um movimento dialético, as forças que buscam a homogeneização acabam por gerar uma outra força, a da hibridização das culturas, fenômeno que Garcia Canclini discutiu em *Culturas híbridas* (1997) e que será retomado adiante.

Diferenças que se concretizam pela materialidade das práticas cotidianas, pois é no cotidiano que a sociedade se faz. As relações sociais, o poder, as distinções entre as classes se concretizam no cotidiano, é nele que a vida se objetiva, que se geram o novo e as transformações sociais. E é nele que se dão a constituição da subjetividade dos indivíduos sujeitos e os processos de homogeneização e de mercantilização da cultura.

Martín-Barbero (2001) afirma que estudar a recepção é entender o processo comunicativo de um outro "lugar". Esse "lugar" é o das práticas culturais. Abordar o receptor no estudo do processo comunicacional é apenas o ponto de partida de análise, pois o que de fato se busca é inserir-se nas práticas culturais desses receptores, à medida que os sentidos se dão na circularidade social dos significados. Mas, é preciso ressaltar ainda que as relações e abordagens que se fazem da linguagem não se referem a uma produção individual que se manifesta nos atos de fala, mas sim no processo de produção do sistema de regras e convenções que preside essa produção individual, ou seja, a natureza histórico-social desse processo.

Recepção e circularidade de discursos

A idéia de circularidade de significados foi introduzida por Mikhail Bakhtin e Carlo Ginsburg a aproveita de maneira brilhante em *O queijo e os vermes*, trabalho de recuperação histórica e cultural, no qual refaz o percurso das idéias de um moleiro chamado Domenico Scandela, conhecido como Menocchio, entre os anos de 1584-1601, período em que o moleiro foi processado pela Inquisição e condenado à morte. No trecho que segue, pode-se perceber como Ginzburg operacionaliza o conceito de circularidade, ao relatar a reelaboração que Menocchio fez de suas leituras e como as chaves para o entendimento das concepções que produziu se relacionam com o seu modo concreto de vida.

É a compreensão profunda das relações que se estabelecem entre cultura, linguagem verbal e cotidiano que permitem a Ginzburg ver seu objeto de pesquisa não como documento morto, frio, sem pontes e nexos com as tradições, costumes, modos de vida dos que o produziram. Ler os processos do Friuli (local em que Menocchio viveu e foi processado) não significou catalogar informações de modo relatorial. O autor entrou nos arquivos procurando escutar as vozes daqueles que falaram à Inquisição, buscando ouvir como falaram, como liam seus livros, como traduziam para sua prática cotidiana as idéias que encontravam nas leituras.

Esse trabalho do historiador Carlo Ginzburg, que contribui com os Estudos de Recepção, demonstram, mais uma vez, o caráter multidisciplinar das pesquisas nesta área e o quanto a Comunicação buscou em trabalhos de História, Antropologia e Estudos da Linguagem instrumentais para poder cumprir o objetivo de, ao estudar a recepção, buscar resgatar a complexidade do sujeito receptor.

Ao mesmo tempo esse trabalho de Ginzburg, assim como o do também historiador Robert Darnton em *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural francesa* (1986), nos permitem verificar as diferentes e múltiplas temporalidades históricas existentes em uma mesma sociedade, demonstrando o quanto é limitadora a visão progressiva e linear da História.

O filme nacional *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles Jr. e ganhador do prêmio do Festival de Cinema de Berlim 1998, é um bom exemplo para observarmos as diferentes temporalidades que existem num mesmo período histórico. Neste filme o diretor contou a história de um menino que busca sua identidade ao tentar encontrar seu pai e de uma mulher que, ao acompanhar a criança em sua busca, acaba resgatando a si própria, encontrando-se como ser humano, redescobrando sua identidade. Essa viagem épica trata, em texto e imagens, de um Brasil real que não está presente em nenhum discurso da pós-modernidade. Em todo o filme, apesar de se passar boa parte no Rio de Janeiro, não se vêem avenidas de fluxo intenso e rápido, prédios de vidros reluzentes, torres e luzes que inspiram os novos tempos, nem mesmo referências a Copacabana, Ipanema ou Leblon, lugares que funcionam como ícones de um determinado Brasil. Vê-se um outro tempo, uma outra história, que está nas ruas, sendo vivida.

Martín-Barbero analisa essas diferentes temporalidades também com respeito à América Latina, que se constitui historicamente e culturalmente de experiências e críticas que revelam os *destempos*, as anacronias que fazem parte de nosso cotidiano. Nos movimentos desses *destempos* é que os significados ganham sentidos. Essas inúmeras esferas dos acontecimentos requerem do pesquisador uma abordagem ampla e múltipla que permita entender o processo de comunicação nas suas ligações com o cotidiano, com o vivido, mas também com a memória e as práticas sociais das diferentes culturas existentes na contemporaneidade.

Recepção, culturas e hegemonia

A comunicação analisada do ponto de vista da recepção, ou seja, como um processo no qual estão circulando múltiplos sentidos, expressões de modos de vida diferenciados, de manifestações culturais diferentes que se entrecruzam, num movimento de busca por hegemonia, entende a cultura como uma das categorias centrais e para seu estudo procura tomá-la também em sua dinâmica. Chauí, em *Conformismo e resistência*, nos faz retomar Raymond Williams e o seu conceito de cultura como,

campo simbólico e material das atividades humanas, estudada pela Etnografia, Etnologia e Antropologia, além da Filosofia. (...) Em sentido restrito, articulada à divisão social do trabalho, tende a identificar-se com a posse de conhecimentos, habilidades e gostos específicos, com privilégios de classe, e leva à distinção entre cultura letrada-erudita e cultura popular (Chauí, 1987: 14).

Néstor Garcia Canclini, em *Culturas híbridas*, dedica um capítulo inteiro à discussão do popular. Inicia afirmando que: "O popular é nesta história o excluído: os que não têm patrimônio, ou não os têm reconhecido, conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a industrializar-se, nem participar no mercado de bens simbólicos 'legítimos'; os espectadores de dos meios massivos que estão fora das universidades e dos museus, 'incapazes' de ler e ver a alta cultura porque desconhecem a história dos saberes e dos estilos" (Canclini, 1997).

A partir dessa definição, Garcia Canclini vai trabalhar a idéia de oposição entre o moderno e o tradicional para discutir as diferentes concepções de cultura popular: aquela de defesa da tradição que entende o popular como folclórico, herança bucólica das tradições de comunidades camponesas; e aquela de defesa do moderno que entende o popular como resquício

de práticas artesanais em extinção. Ambas as concepções vêem o popular como expressão cultural fiel ao passado rural. O tradicional é pensado como atraso, resquício de formas artesanais de produção e, ao mesmo tempo, como herança e autenticidade.

Garcia Canclini vai discordar destas posturas e afirmar que é possível construir uma nova perspectiva de análise do tradicional/popular (1997). Passa, então, a enumerar alguns pontos para análise: 1) o desenvolvimento moderno não suprime as culturas populares; 2) as culturas camponesas e tradicionais não representam a maioria da cultura popular; 3) o popular não se concentra nos objetos; 4) o popular não é monopólio dos setores populares; 5) o popular não é vivido pelos sujeitos populares como complacência melancólica com as tradições; 6) a preservação pura das tradições não é sempre o melhor recurso popular para reproduzir e reelaborar sua situação (1997).

Porém, ao realizar essa análise, o autor não consegue avançar mais e acaba por tomar o popular como sinônimo do folclórico, que se atualiza na prática social. Isso ocorre, porque o autor abre um vasto campo de significados para o tradicional. Mas, só trabalha o tradicional no seio do popular. Discute o tradicional *versus* o moderno no que diz respeito ao popular, sem analisar as estruturas de poder da realidade latino-americana, onde tradição e modernidade se complementam numa aliança política que está expressa, inclusive, na composição de forças do próprio Estado e dos governos eleitos pelo voto direto, como o Brasil por exemplo. A aliança entre o tradicional (aqui como resquício da aristocracia agrária) e o moderno (como burguesia urbana e intelectual) marca toda a estrutura social, as classes dominantes e as dominadas. Portanto, no que diz respeito à cultura, seja da cultura popular, da culta ou de massa, essa marca do tradicional/moderno vai permanecer.

Martín-Barbero no percurso de *Dos Meios às Mediações* está discutindo exatamente a importância da cultura na cena política e para os Estudos de Recepção, destacando a necessidade de estudá-la a partir das mediações. No entanto, para ele o destaque à cultura deve ser dado sem que se faça esta abordagem desconectada do contexto mais geral do poder e da luta de classes. Lopes chama a atenção para o problema e destaca: "trata-se de criticar a 'ambiência culturalista' das pesquisas de recepção que tende a dissociar as práticas cotidianas de comunicação das relações de poder" (1995). Essa emergência da cultura se dá exatamente porque na sociedade

contemporânea a luta pela hegemonia política acontece, mais do que nunca, graças à difusão dos meios de comunicação, na cena cultural.

Do popular ao massivo

Em nosso Continente, devido à peculiar história de mestiçagem e de políticas autoritárias, a cultura será o espaço de acontecimentos e reconhecimentos, talvez por onde se possa conhecer melhor a realidade (Martín-Barbero, 2001).

Williams introduziu ainda as idéias de contra-hegemonia e hegemonia alternativa, pois para ele a realidade do processo cultural deve ser capaz de incluir os esforços e as contribuições daqueles que estão à margem dos processos hegemônicos.

O movimento dialético entre as diferentes culturas, do qual resultam expressões hegemônicas é o "lugar" de que se fala de cultura popular. Para Chauí a cultura popular é vista "como expressão dos dominados, buscando as formas pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada e transformada, tanto quanto as formas pelas quais é recusada, enganada e afastada pelos dominados" (1987: 23). A autora não trata a cultura popular como uma outra cultura ao lado ou no fundo da cultura dominante, mas como algo que se efetua dentro dela.

A cultura popular no Brasil é analisada como um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria – o jogo interno do conformismo, do inconformismo e da resistência, distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência (Ibid, 1987: 25).

Se foi no final da Idade Média que a cultura adquiriu a adjetivação de cultura culta (da Igreja) e de cultura popular (das praças), é com a Revolução Industrial que teremos a cultura de massa. O advento da imprensa transformou a face do mundo e a possibilidade de reprodução das informações e do conhecimento registrados até então através dos livros, copiados manualmente. Com o desenvolvimento tecnológico e a difusão cultural através da imprensa, criou-se uma cultura difundida para a massa da população. Os folhetins publicados nos jornais responderam à necessidade de fazer ler aqueles que não possuíam o hábito: criou-se um gênero ao se buscar uma

composição equilibrada da tradição oral da cultura popular com a escrita, compondo textos curtos, com quebras e títulos para o melhor entendimento das histórias que eram colhidas nas ruas. O grotesco, o bufo e o drama foram os ingredientes dessa nova expressão cultural nunca antes tão ligada ao capital. Sua magia vem do eco da memória: a memória ancestral das festas dionisíacas das praças públicas da Grécia, que vão para o teatro grego, voltam às ruas e aos adros das igrejas durante as festas religiosas medievais para, na era industrial, também serem reapropriadas pelos folhetins.

Ecléa Bosi (1973: 55), em *Cultura de massa e cultura popular. Leituras operárias*, afirma: "Tanto do ponto de vista histórico quanto do funcional, a cultura popular pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte. Ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético". Martín-Barbero discute exatamente esse relacionamento entre cultura de massa e cultura popular ressaltado por Ecléa Bosi e, ao propor-se analisar a trajetória do popular ao massivo, vai lembrar as manifestações de resistência da população para impedir que a máquina e a lógica do capital acabassem com a sociedade medieval e com as formas de manifestação conhecidas na época pré-industrial. Ao referir-se a essa resistência, Martín-Barbero salienta: "o que o capitalismo destruía era não só um modo de trabalhar, senão um modo inteiro de viver" (2001).

Da mesma forma, E. P. Thompson vai referir-se a esse período (séc. XVIII e meados séc. XIX) como período de forte luta de resistência da população. Luta que articula a resistência à cultura, transformando-a em ação política. Thompson refere-se às verdadeiras batalhas que mulheres e homens travaram em praças públicas contra o elevado preço dos alimentos e a escassez, maneira de resistirem aos comerciantes que não mais queriam respeitar o hábito da população de fixar o preço no ato da compra (Thompson, 1984: 66, 67).

Martín-Barbero destaca a necessidade de uma compreensão histórica para se ter dimensão do verdadeiro processo de aculturação que ocorria e que tinha a resistência como forma de resposta. Diz o autor que, por mais que resulte escandaloso, é possível afirmar que nessa cultura da taberna e dos romances, dos espetáculos de feira e da literatura de cordel, conservou-se um estilo de vida em que eram valores a espontaneidade, a lealdade, a desconfiança às grandes

palavras da moral e da política, uma atitude irônica frente à lei e uma capacidade de prazer que nem os clérigos e nem os patrões puderam amordaçar (2001).

Deve-se ressaltar, ainda, que o processo de aculturação não foi só de repressão, pois não há hegemonia nem contra-hegemonia sem circulação cultural. As classes altas, para fazerem-se hegemônicas, tiveram que nomear e reconhecer as outras classes e a sua cultura. Daí, por exemplo, vão estar embricados os processos do oral e do escrito presentes no cordel, nos livros da *Bibliothèque Bleue*, nos folhetins e no melodrama. Para Martín-Barbero o melodrama é o vértice do processo que leva do popular ao massivo, lugar de chegada de uma memória narrativa gestual popular e lugar de emergência da massa, isto é, onde o popular começa a ser objeto de uma operação de esmaecimento de fronteiras que extrai a constituição de um discurso homogêneo e uma imagem unificada do popular, primeira figura da massa (2001). Nas matrizes culturais universais é que estão a fonte do popular e é dessa fonte que a cultura de massa se abastece.

O pensamento inicialmente esboçado com as contribuições de R. Williams, Chauí, E. P. Thompson, Ecléa Bosi, Garcia Canclini e Martín Barbero ajudam a elucidar o percurso do popular ao massivo e pode-se recorrer, uma vez mais, às suas conclusões para afirmar que não se pode perder de vista a perspectiva histórica do processo social, demonstrando que a cultura, quando as massas aparecem no cenário político, não pode deixar de ser analisada senão em sua articulação e adequação à hegemonia, que faz dela um espaço estratégico de reconciliação das classes e reabsorção das diferenças sociais; o que não significa ocultar ou esquecer as peculiaridades das modalidades de comunicação que os meios inauguram no fatalismo da lógica mercantil e da ideologia dominante. Ao contrário, Martín-Barbero afirma:

Estamos afirmando que as modalidades de comunicação que a partir deles e com eles aparecem foram possíveis só na medida em que a tecnologia materializou mudanças que a partir da vida social davam sentido a novas relações e a novos usos. Estamos situando os meios no âmbito das mediações, isto é, em um processo de transformação cultural que não parte nem termina neles mas com eles (...).

Hibridismo cultural e hegemonia

Esse percurso do popular ao massivo analisado por Martín-Barbero é descrito por Nestor Canclini como hibridização cultural. O pensador mexicano afirma que não é mais possível pensar a cultura popular a partir das categorias e da oposição subalterno/hegemônico, tradicional/moderno. Afirma que "as novas modalidades de organização da cultura, de hibridização das tradições de classes, etnias e nacionalidades, requerem outros instrumentos conceituais" (Canclini, 1997). Ele vai opor aos termos cultura popular e cultura culta o termo 'cultura híbrida' e daí vai procurar analisar a articulação entre modernidade e pós-modernidade.

Garcia Canclini analisa a hibridização das culturas como expressão capaz de definir a volatilidade das culturas, bem como a contaminação de umas pelas outras. Essa sua definição vem como crítica a duas abordagens da cultura popular. Uma, segundo ele, feita pela antropologia, que dá certa autonomia ao popular; e outra feita pela Sociologia que, através do conceito de hegemonia, entende a cultura popular como subcultura, parte da distribuição injusta dos bens culturais, resquícios da tradição e do atraso.

De fato, Garcia Canclini tem razão ao caracterizar a volatilidade e a contaminação das culturas. Hoje elas se dão com maior intensidade mas, de uma forma ou de outra, sempre existiram. Robert Darnton já destacou em sua análise sobre os contos populares como Racine e outros grandes escritores da época nutriram-se da cultura popular para escrever suas histórias. É preciso reafirmar, então, que os setores populares produzem realmente uma cultura, que enquanto sujeitos sociais, históricos não são meros reprodutores da cultura dominante. Enquanto sujeitos de uma determinada sociedade agem, vivem concretamente relações sociais conflituosas e contraditórias e, embora a cultura popular não possa ser tomada como autônoma das demais (e nenhuma cultura o é) tem sua própria lógica e está em constante movimento.

Garcia Canclini afirma que sua travessia pelas transformações pós-modernas do mercado simbólico e da cultura cotidiana o ajudam a entender por que fracassam certos modos de se fazer política, pois estes ainda são baseados em princípios modernos da autonomia dos processos simbólicos e da renovação democrática do culto e do popular (1997) De fato, é preciso entender por que fracassam as maneiras de se fazer política e, diria mais, os modos de se entender como a

cultura se liga com a política, já que a cada dia, como o próprio Garcia Canclini ressalta, vivemos um período de transformações profundas no qual a reorganização cultural do poder está sendo efetivada pelas classes dominantes com bastante proveito, devido principalmente a não se saber entender como se articulam, no nível simbólico, esses incessantes processos – que hoje se aceleraram demasiadamente devido às novas tecnologias – de formação do ponto de vista, da ideologia e da cultura.

Não se pode afirmar aqui se se deve ou não às análises baseadas em princípios da modernidade o fracasso de certos modos de se fazer política. Mas, o que se quer reafirmar é a necessidade de se entender os processos culturais e como eles são reapropriados e utilizados pelos setores dominantes para tornar a sua política hegemônica, caso contrário só poderiam exercê-la pela força. É o próprio Garcia Canclini quem afirma: "a busca de mediações, de vias diagonais para gerir os conflitos, dá às relações culturais um lugar proeminente no desenvolvimento político. Quando não conseguimos mudar o governante, o satirizamos nas danças do carnaval, no humor das tiras de jornais, das charges, nos grafites" (1997).

Essa é a marca das expressões populares. Foi também no espaço das festas religiosas, ganhando as praças, que o riso e o carnaval emergiram como expressões que subvertiam os cânones religiosos, como bem analisou Bakhtin (1993); o folhetim *Mistérios de Paris* fez a exaltação ao povo e, paralelamente, este foi à ação na França contestadora da ordem monárquica; ou seja, a cultura e a política se articulam de forma diferente, mas necessária e complementarmente. Especificamente no caso da cultura Popular brasileira tem-se a destacar o carnaval, por um lado, como manifestação ímpar do popular à medida que é expressão de resistência ao colocar o povo e o riso na rua, disputando o espaço e as atenções de todas as mídias e levando à passarela, através do samba-enredo, uma forma particular de contar uma história; por outro, revela-se expressão de acomodação ao incorporar as elites como personagens principais da festa, transformando o folião em espectador. Novamente, retorna-se ao conceito de hegemonia para entender melhor essa relação.

Gramsci afirma "(...) é efetivamente na esfera da hegemonia que culmina a análise das diferentes relações de força (...)" (1978: 30), ou ainda, o grupo político que exerce o poder tem que, para obter a hegemonia e ser dirigente, organizar o consentimento ativo dos grupos

subalternos. Essa concepção de hegemonia mostra todo o alargamento que Gramsci propõe à filosofia da práxis. Compreende de maneira mais ampla a práxis social e política, demonstrando a inter-relação existente entre dominantes e dominados.

Se a pós-modernidade se caracteriza por aspectos diferentes do moderno e por novas formas de expressões, o que não se pode desconsiderar é que também a pós-modernidade é carregada do arcaico modo de exploração e de exclusão da maioria das pessoas ao acesso aos bens materiais e simbólicos, pelos quais tantas guerras ainda são travadas. E mais do que isso, como o próprio Garcia Canclini afirma, hoje as fronteiras se borram entre os países, mas se alastram e se firmam no espaço da vida social e cultural, seja através da segregação racial e religiosa, seja através da exclusão econômica. Sendo assim, só é possível entender profundamente esse processo cultural que Garcia Canclini chamou de hibridização como contraditório e de luta, o qual se manifesta no espaço da composição dos produtos culturais, sejam eles produzidos na cena crua da cerca de arame que divide a fronteira México/EUA ou no espaço de consumo e produção cultural do ambiente refrigerado dos shoppings centers ou, ainda, nas salas de aula das escolas.

É a partir dessa discussão que se reafirma a comunicação do ponto de vista da recepção como processo de mediações culturais. Caso contrário, se cairia novamente em pressupostos relativamente acríticos e se consideraria possível – em um sistema de mercado no qual as relações sociais de desigualdades só crescem – viver sem conflitos de classe. Ou ainda, se entenderia cultura híbrida como parte de cada um de dois elementos que se juntam para formar um terceiro, pensando esse terceiro como resultado de partes iguais, sem disputas, sem luta, sem transformação. Pode-se, portanto, dizer que o conceito de hegemonia não mais se adequa à análise que se propôs. Parece-me importante assinalar que os processos de hibridização não são um fenômeno novo: sempre hão existido e vão existir nas sociedades em general, ainda que se tenha aludido a eles com outro nome (1997).

As mediações nos Estudos de Recepção

É mais uma vez Raymond Williams que traz contribuição para se entender as implicações do que significam as mediações culturais. Segundo o autor, o termo vem substituir ou, melhor, modificar a idéia de reflexo das relações sociais nas obras de arte e da arte nas relações sociais. A palavra reflexo é forte e lembra a corrente que estuda comunicação como transmissão, ou que entende a relação entre emissor e receptor de maneira linear e direta.

Em seus usos mais comuns [mediação] refere-se a um modo indireto de relação entre a experiência e sua composição. A forma desse modo indireto é interpretada diversamente nos diferentes usos do conceito. (...) Estudos utilizando esses conceitos e métodos encontram-se em Benjamin, Goldmann, Adorno e na obra coletiva da importante escola de Frankfurt (Williams, 1992: 24).

Na comunicação é Jesus Martín-Barbero quem vai utilizar esse conceito para entender a recepção como processo eivado de mediações culturais. Ao propor o estudo da recepção dos meios de comunicação, especificamente da televisão, afirma: "... ao invés de iniciar a investigação a partir da análise das *lógicas* de produção e de recepção, para depois buscar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos iniciar das mediações, isto é, dos *lugares* de onde provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão" (2001). Ou seja, Martín-Barbero vai ressaltar a força dos movimentos sociais nesse processo de investigação e propor três "lugares" de mediação: o cotidiano familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

Ao ressaltar as práticas sociais como espaço de interesse para o estudo da recepção, ele generaliza e, ao fazê-lo, dá amplitude teórica aos termos que chamou de "lugares" de mediação, passando a propor, como conceito chave para o seu estudo, entendê-las como mediações em três dimensões: *socialidade, ritualidade e tecnicidade*.

Martín-Barbero define a socialidade como as tramas que formam os sujeitos e os atores em sua luta por "furar" a ordem e redesenhá-la, mas sem desconsiderar as negociações cotidianas com o poder e suas instituições. Destaca ainda que é na socialidade que se afirmam os múltiplos modos e sentidos nos quais a coletividade se faz e se recriam a diversidade e a polissemia da

interação social. Já a ritualidade é vista como aquilo que nas práticas sociais concerne à repetição, à operacionalidade, ao ritmo, às rotinas que tornam possível a expressão de sentidos e ações dos sujeitos. E entende o fator técnica como a dimensão que, nas práticas sociais, articula a inovação à discursividade, ou seja, à competência de linguagem.

2. GOSTO

Parte da literatura que se ocupa do consumo de bens simbólicos enfatiza os mais intensos e variados constrangimentos que induzem os agentes a consumos determinados, e outra fração não deixa de salientar que os objetos que os sujeitos consomem são produtos de uma escolha, ainda que restrita. A divergência das avaliações pode derivar da diferença entre os contextos históricos nos quais elas foram formuladas. Neste caso a possibilidade de escolhas é concebida como produto de uma situação histórica, portanto particular, que difere tanto de outros momentos na história das sociedades nos quais aquela possibilidade não estava presente, como de outras sociedades – em geral menos diferenciadas –, nas quais as margens de opções oferecidas aos indivíduos são reduzidas.

A discrepância entre os diagnósticos pode, contudo, se assentar na distinção entre concepções fundamentais quanto a natureza da ordem social, que podem fomentar explicações que vão de caracterizações de realidades coletivas que se impõem rigidamente sobre os sujeitos, a cenários cujo traço distintivo é a recriação da realidade a cada instante.

O conceito “gosto” está revestido de uma dimensão convencional no âmbito da pesquisa. Convenção que recai sobre a escolha, que deve, necessariamente, estar presente nas situações em que se afirma a manifestação do gosto. Assume-se assim que onde não houver uma mínima margem de escolha, não haverá manifestação do gosto.

“Gosto” será entendido como somatória, ou, melhor ainda, como síntese das preferências e rejeições que cada agente manifesta em relação a conjuntos particulares de ‘objetos’. Neste caso: canções, melodias, temas, qualquer tipo de composição musical.

Assim, afirmar que alguém possui um gosto determinado dirigido a uma categoria de objetos e descrevê-lo significa propor uma fórmula que contenha as probabilidades de escolha do agente. Discriminar o que o mesmo, provavelmente, preferiria e o que, pelo menos em hipótese, seria rejeitado. Fundamental para esta tarefa é a identificação do(s) princípio(s) que estão na origem das escolhas, e a definição da natureza destes princípios. Trata-se de determinar em que bases operam as lógicas de discriminação e classificação do agente.

Uma discussão sociológica sobre os gostos

Adoto aqui a perspectiva weberiana que qualifica as Ciências Sociais como ciências da cultura. Do que decorre que valores, atitudes e motivações ganham relevância no conjunto de objetos de que devem se ocupar as disciplinas cobertas por aquela rubrica. Weber nos aponta que juízos estéticos – e podemos estender o conceito de forma que ele englobe todos os julgamentos sobre qualquer tipo de expressão simbólica – são temas que podem ser legitimamente tratados como objeto da sociologia e da antropologia.

Mas, não devem, sob custo da credibilidade destas disciplinas, ser incorporados em suas metodologias. Penso que não se trata de mero convencionalismo, mas da constatação de que aquelas disciplinas não produziram recursos que lhes permita concluir sobre a qualidade melhor ou pior seja de uma obra, de um artista ou de um gênero.

Uma sociologia do gosto deve, portanto, se definir a partir de uma perspectiva distinta da estética, entendida aqui como domínio da filosofia que possui tais recursos. A sociologia do gosto só pode se realizar ao renunciar à pretensão de emitir juízos estéticos, de avaliar, de qualificar.

Um exemplo pode ilustrar que tais ressalvas não são consensuais. Artigo publicado na revista *Science*³ tenta responder porque algumas músicas são tão mais populares do que outras. O experimento relatado monitorou o comportamento de visitantes a um site no qual podiam escutar e copiar música. O objetivo era observar como as músicas eram classificadas pelos participantes. As músicas foram também avaliadas pelos autores. “De modo geral, as ‘melhores’ [em critério qualitativo] nunca foram mal, ao mesmo tempo em que as ‘piores’ não se saíram bem.” Mas que critérios qualitativos científicos podem ser mobilizados para estabelecer distinções entre melhores e piores?

³ *Experimental Study of Inequality and Unpredictability in an artificial Cultural Market* de Salganik, M. e outros pode ser lido em www.sciencemag.org

Rejeito, desde já, por fugirem ao domínio da pesquisa, as explicações baseadas exclusivamente em atributos e qualidades dos indivíduos: sua pretensa autonomia, sua consciência ou seu suposto auto-centramento. Inversamente, busca-se identificar as relações sociais vigentes nas distintas situações de escolha que serão alvo de investigação da pesquisa. Rejeito as argumentações unilateralmente voltadas aos indivíduos como modelos explicativos, mas não como dados relevantes para a pesquisa. A freqüência com que os agentes recorrem a formulações de caráter “individualista” ou “personalista” é informação essencial à investigação, pois pode servir de indício da influência exercida pelas ideologias e representações que afirmam a preponderância do “fato individual”.

As discussões que se vem realizando no domínio da sociologia do gosto reconhecem em conjunto a centralidade do papel das classes sociais nos julgamentos de gosto e o lugar proeminente de Bourdieu no desenvolvimento do tema. Das concepções do autor, merece destaque sua insistência em que julgamentos de gosto, longe de serem “desinteressados”, estão implicados nos mesmos processos pelos quais grupos dominantes obtêm seu poder e influência. Ele nos chama a atenção para o fato de não podermos tratar culturas distintas presentes em uma mesma sociedade, da mesma forma como trataríamos culturas encontradas em sociedades diversas. O postulado funda-se no princípio de hierarquia que rege a relação entre as culturas de uma mesma sociedade.

Embora Kant seja geralmente considerado o pai da estética moderna, é em grande parte pela crítica social de Bourdieu que suas idéias têm infiltrado a comunidade sociológica. Nos termos de Kant, julgamentos de gosto não são baseados em lógica ou princípios cognitivos. Para julgar o que é bonito, um julgamento puramente ‘estético’ deve ser feito. O componente central deste julgamento é o sentimento de prazer ou de insatisfação provocado no espectador de um objeto. Para especificar o que é distintivo sobre julgamentos estéticos, Kant define três formas de “deleite”: encanto frente o agradável, encanto frente o bem e encanto frente o bonito. Seu argumento é de que apenas o terceiro deles é destituído de interesse. Coisas que são agradáveis nos satisfazem; coisas boas conduzem à nossa estima ou aprovação. Por outro lado o julgamento de gosto é simplesmente contemplativo. É um julgamento indiferente em relação à existência do objeto. Esvaziam-se assim as noções de uso, de prazeres sensuais, que poderiam manchar a

percepção da beleza. As pessoas são livres para contemplar coisas e julgar a sua beleza pura baseadas na evocação de sentimentos.

Para Bourdieu os jogos culturais estariam protegidos contra a objetivação por todas as objetivações parciais, as quais mutuamente submetem todos os agentes comprometidos no jogo. Por isso somente no campo de posições se definiriam

- a) interesses genéricos associados ao fato de participar do jogo
- b) interesses particulares associados a posições específicas

De acordo com João Teixeira Lopes, existiria implícita na proposta do autor francês, “uma concepção de alguma integração funcional da ordem social através de graus distintos de correspondência estrutural. O conflito representa, antes de mais, uma crença (*ilhisio*) no jogo, uma aceitação dos seus pressupostos e, de certo modo, uma legitimação dos seus resultados. É como o próprio autor afirma, uma ficção”

O efeito das posições ocupadas pelos agentes no espaço social, suas propriedades, suas práticas, seus gostos, dá-se pela interiorização e incorporação de um conjunto de propriedades estruturais, com a mediação do *habitus*. Na medida em que o *habitus* repousa em grande medida sobre mecanismos de impregnação, o efeito do *habitus* não depende propriamente falando de um processo de aprendizagem formal e esta propriedade toma um relevo particular no caso dos gostos musicais.

Para Bourdieu o gosto que caracteriza os setores populares é o que ele caracteriza gosto do necessário (no sentido ao mesmo tempo do que é tecnicamente necessário, “prático” e do que é imposto pelas necessidades econômicas e urgentes). Este estaria baseado no princípio de conformidade e opõe-se radicalmente àquele gosto que se manifesta nas condições relativamente liberadas da urgência. O seu efeito nunca se vê tão bem como no caso em que mudam as condições, mas permanecem os comportamentos que a elas estavam associados. Aqueles que deixam de enfrentar a situação de necessidade não sabem gastar o que começaram a ganhar na nova condição. Ou se esforçam em diminuir as distâncias sociais que passam encontrar nesta nova condição: por exemplo, fazendo piadas com garçons e camareiras.

Tal gosto implica a incapacidade para gastar mais ou para gastar de outra maneira, “para aceder ao sistema de necessidades implicados em um outro nível recursos”. Para ilustrar – ainda que com referência a um universo social distinto do que descreve – Bourdieu cita Elias em uma nota da *Distinção* na qual afirma que o mesmo narra uma “passagem” de Taine em que um Duque, ao verificar que o filho não gastara todo o dinheiro que lhe fora dado, retira-lhe a bolsa e a atira pela janela.

Reformulando sua concepção inicial de que o gosto popular seria expressão de uso incompetente dos gostos dominantes, Bourdieu sugeriria que o interesse de seus trabalhos não seria tanto uma tese de um *não-gosto* popular, mas sim a atenção ao caráter relacional das escolhas pessoais e às dimensões sociais não intencionais do comportamento individual. Por isso o gosto, que é a forma de escolha percebida como a mais pessoal, é um objeto que ele não poderia ter evitado.

Gosto *omnivoro* e práticas ecléticas: uma nova legitimidade

Uma nova abordagem emerge a partir da percepção de que da existência de uma estratificação social de práticas culturais – que é o que efetivamente é recolhido pelas sondagens – não se pode deduzir uma estratificação social dos gostos. Gosto seria outra coisa que não um simples comportamento referente a consumo e informação.

Richard Petterson (1992) e Olivier Donnat (1994) que, em alguma medida, se situam na continuidade crítica dos trabalhos de Bourdieu convergem sobre vários pontos e questionam proposições sobre as quais Bourdieu se apóia.

Suas observações, ainda que confirmem alguma correspondência entre espaço cultural e espaço social, tanto quanto a manutenção e reprodução das desigualdades de acesso à cultura, atenuam a força da correlação entre identidade cultural e status social. Convergem também no questionamento da supremacia cultural do gosto puro pela arte pura.

Estes autores concordam ainda na rejeição da idéia de uma aversão natural dos grupos de alto status ou novas elites em relação à cultura e aos gostos populares. Interrogam igualmente os postulados simétricos da crença dócil dos meios populares na supremacia da alta cultura e da inexistência de um gosto popular autônomo.

A imagem proposta por Petterson é a do *omnivore*. O autor acredita, baseado em informações obtidas através de censo cultural, estar em curso na sociedade norte-americana um novo padrão de consumo cultural entre grupos de status superiores e inferiores – os dados referem-se a consumo musical. A marca distintiva dos da base é que seus membros, por necessidade de afirmação identitária, realizam opções exclusivas. Não preferir, frequentemente, um estilo determinado. A estes ele denomina *univorus*. Os do topo tornaram-se flanadores e diletantes. Consumidores vorazes de quase tudo que lhes aparece pela frente. Teriam trocado o consumo exclusivo de formas legítimas de manifestação cultural, por uma atitude de curiosidade e ecletismo. Estes são, na imagem criada pelo autor, os *omnivores*. Seu traço distintivo é o ecletismo e a incoerência das opções. O que parece problemático na sua análise é a falta de clareza presente na noção de “necessidade de afirmação identitária”. A questão relevante aqui é: por que determinados grupos necessitam, mais do que outros, afirmar sua identidade?

Baseando-se nos mesmos dados utilizados por Peterson, Bethany Bryson (1997) verifica que o padrão de consumo musical descrito através da imagem do *univorus* ocorre com maior intensidade à medida que diminui o grau de escolaridade dos agentes. Assim, diz a autora que quanto menos escolarizados forem os agentes, mais as suas escolhas por obras musicais se tornarão excludentes.

O omnivorismo proposto por Petterson, é uma tendência de fundo mas “cercada” através de um objeto específico – o gosto musical. Ainda que esta tendência se exerça com maior força no topo da hierarquia, ela travessa o conjunto das classes de gosto (*highbrow*, *middlebrow*, *lowbrow*)

Ao contrário, o ecletismo *branché* de Donnat, aparece como um comportamento bem mais localizado, socialmente limitado àqueles que são dotados de capital cultural o mais elevado.

Longe de por em causa o modelo da distinção, a figura do *omnivore* viria a complexificar ainda mais as qualidades requeridas para assegurar o sucesso socioeconômico dos indivíduos.

O objeto de Donnat não é tanto o gosto, mas a distribuição desigual de três dimensões - conhecimentos, práticas e preferências culturais - entre a população francesa. Sua proposta é pôr em relação práticas propriamente ditas com o nível de conhecimento e informação cultural das diferentes categorias da população. Dos “tipos” por ele elaborados, o “branché” se tornou o mais notório. O universo dos indivíduos descritos através desta categoria tem o ecletismo como princípio organizador. Trata-se de espaço social caracterizado pela predominância de indivíduos altamente diplomados, urbanos, de “meia idade”, frequentemente solteiros.

Apesar de haver alguma correspondência entre aquelas três dimensões mencionadas acima, elas são em parte autônomas. Pode-se ter uma boa bagagem de conhecimento e um nível de práticas relativamente modesto. Ou ainda, conhecer gêneros artísticos que não se aprecie. A emergência do ecletismo não corresponderia ao aparecimento de um novo modelo de gosto. Resultaria sim da ação de forças sociais (mídias, escolaridade, mobilidade social). Neste universo – *branché* – aumenta o consumo de todos os tipos de coisas diferentes, o que não vale apenas para as artes, mas para o conjunto dos produtos de consumo.

Um dos elementos que parece aproximar os diagnósticos de Peterson e Donnat é sua ênfase numa “solidariedade cultural”, fundada em aspectos geracionais, que superaria as oposições tradicionais de classe – o rock seria um exemplo.

Em alguma proporção, toda sociologia do gosto estará interessada em identificar uma forma ou outra de correlação entre estratificação social e classificação cultural. Entre uma posição social – no limite uma classe – e determinadas práticas culturais. É importante incluir, no entanto, na definição dos espaços sociais, para reavaliar seus papéis, outras variáveis como sexo, idade, pertencimento étnico. Da mesma forma é preciso ampliar o modelo de estruturação do espaço cultural e adotar perspectivas que incluam modos de classificação que – mesmo que a incorpore – supere a distinção entre gêneros populares e cultos.

A adoção de uma tal perspectiva mais incluyente é importante, por exemplo, nas situações em que a diferenciação tradição / inovação for relevante. Trata-se de uma distinção que não pode

ser completamente explicada por uma lógica baseada na oposição de classes; de uma diferenciação impregnada em todos os escalões de competência cultural.

Deve-se apreciar a possibilidade de um mesmo sistema de distinção – o que se funda, por exemplo, na localização social dos sujeitos a partir dos seus respectivos volumes de capital social e cultural – manter razoável capacidade explicativa mesmo quando se observa empiricamente a substituição dos itens garantidores da distinção social em um dado contexto. Mesmo considerando-se as evoluções dos gêneros populares e cultos e as variações desta diferenciação em função de contextos sociais e nacionais, pode-se ponderar que a ligação entre estratificação social e classificação cultural permanece válida mesmo diante de deslocamentos de fronteiras mais ou menos constantes. O que se poderia denominar glamourização do jazz é um exemplo.

A este respeito Coulangeon (2003) questiona se o que observamos não seria mais uma substituição acelerada dos objetos alvos de canonização do que a o desmantelamento do modelo da distinção. Não se trataria de estar em vigor um novo modelo ordenador do espaço cultural, mas novos objetos estariam sendo incorporados a esta mesma lógica.

Seja qual for a *démarche* adotada, há consenso em torno da multiplicação de itens consumidos quase que em todos os domínios sociais. Tal verificação parece apontar para a validade das explicações de Peterson baseadas na emergência da “figura” do *omnivore*. Mas as evidências são de que a extensão do repertório de gêneros musicais mencionados pelos respondentes de enquetes aumenta à medida em que se eleva a classe social do respondente – e supõe-se que o fenômeno seja verificado em outros domínios. Pode-se questionar se daí devemos deduzir que o comportamento individual dos membros das classes superiores seja necessariamente aquele de um *omnivore*. O crescimento do repertório pode verificar-se no interior de uma classe social enquanto grupo, a nível agregado, sem que tenha ocorrido com todos os seus integrantes. Nas “modernas sociedades ocidentais”, por serem recrutados em uma grande diversidade de classes sociais, os que ocupam suas posições superiores demonstram coletivamente uma forte heterogeneidade cultural. A diversidade de gostos entre estes grupos poderia resultar mais daquela rede de recrutamento do que da transformação do modo de legitimação do gosto dominante em direção ao modelo do *omnivore*.

Outra consideração em relação a este modelo diz respeito às várias possibilidades de conjugação das combinações dos gêneros e dos usos feitos com os repertórios estendidos. O repertório de um agente pode ser eclético – do ponto vista do que ele conhece – e limitado quanto ao uso que faz dos itens. Inversamente pode-se encontrar um repertório que se apresente como exclusivo sobre o plano de sua composição, mas eclético quanto ao uso que dele se faz.

3. PERFIL DA AMOSTRA E PRÁTICAS CULTURAIS

Essa é uma tese em Ciências Sociais. Transita entre a Sociologia e a Antropologia, tentando se apropriar de ferramentas próprias de cada disciplina, para produzir uma perspectiva sintética.

Se a abordagem etnográfica nos fornece informações mais aprofundadas das questões tratadas, conhecer motivações e significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas, as abordagens compreensivas, pela natureza das atividades que requerem, impõem uma limitação à extensão do grupo observado.

Apliquei 238 questionários nos mesmos bairros em que realizei as observações e efetuei entrevistas. Não se trata de uma amostra obtida a partir de critérios rígidos de aleatoriedade. Ela não descreve, portanto, fielmente o universo investigado. Mas permite dele obter informações sobre fatos correlacionáveis, estabelecer determinadas inferências.

O *survey* permite uma melhor qualificação sócio-econômica da população investigada, assim como provê dados sobre práticas culturais, preferências e aversões referentes a um contingente populacional bem maior do que aquele que a observação direta permite ter acesso.

A amostra distribui-se conforme descrito abaixo:

Tabela 1 - Sexo

SEXO	FREQÜÊNCIA	%
1 Homem	121	50,8
2 Mulher	117	49,2
Total	238	100

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor entre moradores do DIC, Campinas, 2004.

Tabela 2 - Faixas de idade

FAIXAS DE IDADE	FREQÜÊNCIA	%
14 - 18	49	20,6
19 - 25	50	21,0
26 - 35	44	18,5
36 - 55	72	30,3
+ de 55	23	9,7
Total	238	100

Conforme Tabela 1, o número de respondentes masculinos quase equivale ao feminino. Já a composição etária aponta para uma forte concentração de jovens: 42% dos investigados têm até 25 anos (Tabela 2).

Tabela 3 - Raça

RAÇA	FREQÜÊNCIA	%
Branco	96	40,3
Negro	68	28,6
Pardo	54	22,7
Outros	19	8,0
NR	1	0,4
Total	238	100

Tabela 4 - Escolaridade

ESCOLARIDADE	FREQÜÊNCIA	%
Primeiro grau, 1ª a 4ª série incompleto	9	3,8
Primeiro grau, 1ª a 4ª série completo	26	10,9
Primeiro grau, 5ª a 8ª série incompleto	52	21,8
Primeiro grau, 5ª a 8ª série completo	32	13,4
2º Grau incompleto	35	14,7
2º Grau completo	71	29,8
Superior incompleto	10	4,2
Superior completo	2	0,8
Não estudou	1	0,4
Total	238	100

Tabela 5 – Escolaridade Recodificada

ESCOLARIDADE	FREQÜÊNCIA	%
Ensino Fundamental (Completo /Incompleto)	119	49,9
Ensino Médio (Completo /Incompleto)	106	44,5
Ensino Superior (Completo /Incompleto)	12	5,2
Não estudou	1	0,4
Total	238	100

Estes dados das Tabelas 4 e 5 são complementares em relação ao anterior. Parte significativa da população analisada – aquela localizada nas faixas de idade mais jovens – teve acesso ao sistema público de ensino. As porcentagens relativas aos baixos níveis de escolaridade

correspondem, em regra, aos indivíduos mais velhos. Metade dos que só concluíram a quarta série do ensino fundamental e 44% dos que não a concluíram pertencem à faixa dos mais velhos que 55 anos. Em contraste, nenhum membro das duas primeiras faixas de idade, e apenas dois indivíduos pertencentes à faixa 36-55 anos têm tais graus de escolaridade. O acesso ao ensino superior constitui-se, neste universo social, uma barreira independentemente da idade que se tenha.

Os locais considerados nesta pesquisa pertencem a três divisões territoriais – nomeadas pelo Departamento de Planejamento da Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do município de Campinas.

Unidades Territoriais Básicas. São elas as de número 48, 50 e 51, denominadas respectivamente, Ouro Verde, Jardim Melina e DICs COHAB. De acordo com dados relativos ao censo de 2000 disponibilizados por aquele Departamento, a porcentagem de responsáveis de domicílio com menos de um ano de instrução para as localidades mencionadas é de 8%.

Tabela 6 - Renda familiar

RENDA FAMILIAR	FREQÜÊNCIA	%
Até 1 Salário Mínimo - até R\$260,00	8	3,4
De 1 SM a 2 SM, R\$ 261,00 até R\$520,00	37	15,5
De 2 SM a 3 SM, R\$ 521,00 até R\$780,00	45	18,9
De 3 SM a 5 SM, R\$781,00 até R\$1.300,00	68	28,6
De 5 SM a 10 SM, R\$ 1.301,00 até R\$ 2.600,00	31	13,0
De 10 SM até 20 SM, R\$ 2.601,00 até R\$5.200,00	3	1,3
Acima de 20 SM, acima de R\$ 5.201,00	2	0,8
Não Respondeu	44	18,5
Total	194	81,5

Informações relativas ao censo de 2000 disponibilizadas por aquela Secretaria de município atestam a forte correlação existente entre renda e local de habitação. Nas três localidades consideradas aproximadamente metade dos chefes de domicílio (53,12%; 51,18%; 48,75%) têm renda até três salários mínimos. Nas mesmas regiões, os domicílios cujos chefes têm renda de até cinco salários mínimos totalizam 75% do total.

Os dados específicos do *survey* que apliquei demonstram que o contexto observado reproduz as desigualdades de rendimentos entre os sexos observadas em outras situações. Há diferença significativa entre as porcentagens (10% x 29%) a favor das mulheres na faixa de 1 a 2 salários mínimos, e 40% x 28% a favor dos homens, na faixa de 3 a 5 salários mínimos. Quando se observa a distribuição dos rendimentos entre as “raças”, verifica-se que esta se dá de forma mais uniforme. Não se pode deixar de notar que 40% dos negros estão alocados na faixa que contém os que recebem de 3 a 5 salários mínimos, contingente discretamente superior ao dos brancos e acima do alcançado por “pardos” e outros.

Do ponto de vista ocupacional há uma pulverização das respostas em um sem-número de categorias. Só é possível verificar concentração nas categorias: aposentado, desempregado, dona de casa e estudante. Este fato torna mais complexa a análise dos dados referentes à situação no trabalho. Aquelas quatro categorias somam 40% da amostra. Pouco menos do que o conjunto de respostas em branco dadas a esta questão.

Dos que trabalham, 19% dispõem até seis horas por dia nessa atividade. 58,4% disseram trabalhar 7, 8 ou 9 horas diariamente – 42,5% têm uma jornada de 8 horas. Há ainda outros 22,4% que disseram trabalhar 10 horas ou mais. A maior jornada relatada foi de 14 horas. Os que conciliam estudo com trabalho perfazem 28,2% da amostra.

Dos que freqüentam cultos religiosos com regularidade, 24% se dizem católicos; pentecostais e neo-pentecostais totalizam 25%; as outras igrejas protestantes, 3% da amostra. Outras religiões são mencionadas por outros 3%. 45% não têm práticas religiosas regulares.

O engajamento efetivo em associações de qualquer natureza – profissionais, de defesa de interesses do bairro, de “preservação” cultural ou folclórica, ou outras apresentou baixos índices.

Antes de apresentar como se distribuem as preferências e rejeições pelos diferentes gêneros e estilos musicais, quero comentar brevemente o peso das diversas opções de lazer. A audição musical é a opção predileta entre os sujeitos da amostra, quase tão apreciada quanto assistir programação televisiva. 74,4% dos que responderam aos questionários ouvem música diariamente, enquanto 68,9% assistem TV com a mesma frequência. A leitura faz parte das atividades diárias de 25,4% dos que responderam. Visitar parentes e amigos e praticar esportes são as práticas mais realizadas depois das já citadas. Praticar jogos e ir a bares e lanchonetes ocupam uma proporção relativamente pequena daquele tempo para a maior parte da amostra. A frequência ao cinema e ao teatro são as práticas que menos mobilizam os sujeitos investigados. Infelizmente não disponho de dados comparáveis sobre o uso doméstico de vídeos e DVDs. Algumas entrevistas apontam a importância crescente desta prática.

A audição doméstica é a situação mais comum de escuta musical. 56% ouvem música com mais frequência “em casa sozinho”. “Em casa acompanhado” é a opção de 23%. O trabalho é o local mais corriqueiro para esta prática segundo 8,4% da amostra, seguido da audição no trânsito (4,2%) e na igreja (3,8%). Festas e bares são situações pouco declaradas como primeira opção para ocasião de audição musical. Na repetição da pergunta, ou segunda opção de resposta, mantém-se a preponderância da escuta em casa. Inverte-se, contudo, a ordem e a opção “acompanhado”, assume primeiro plano. Escutar música na igreja adquire espaço e ocupa, nessa formulação, a terceira opção.

As músicas veiculadas pelas rádios representam 52,5% do conjunto da audição musical entre os ouvidos pela enquête. O uso doméstico de CDs assegura o entretenimento musical de outros 41% de moradores alcançados pelo levantamento. Estas duas modalidades concentram quase que a totalidade das formas de acesso às obras musicais. E apenas quatro emissoras de rádio respondem por 78% da audiência.

A audição doméstica solitária não é produto da percepção dos inquiridos de que há incompatibilidade entre seus gostos e o das pessoas com quem coabitam. 67% deles avaliam que os tipos de música de suas preferências são em geral apreciados pelas pessoas com quem moram; 13,4% pelos amigos; 6,7% pelos vizinhos; 4,2% por namorados; 2,1% por colegas de trabalho e 1,7% por colegas de escola.

Para 31% dos questionados os tipos de música não apreciados por eles são os preferidos pelas pessoas com as quais elas moram; para 21,4%, os gêneros por eles reprovados são os prediletos dos vizinhos; enquanto 6,7% rejeitam o gênero mais apreciado pelos amigos, outros 4,2% recusam as opções musicais dos colegas de trabalho.

Os anos de escolaridade interferem pouco na frequência da audiência televisiva. Em todos os graus de instrução permanece alto o índice de audiência diário. Tal fator mostra-se mais relevante como condicionante da frequência a bares e lanchonetes, que aumenta à medida que são elevados os níveis de ensino. A correlação entre a prática de esportes e o nível de instrução mostra-se bastante baixa. Assim, entre os pertencentes ao nível “menos que a oitava série” verifica-se quase a mesma proporção (44% e 45%) de respondentes que afirmam realizar tal prática “diariamente” e “nunca”. Na faixa dos que concluíram o ensino fundamental, mas não o ensino médio, observa-se inconsistência semelhante para as respostas “diariamente” e “quase nunca”. O hábito de leitura é discretamente mais freqüente entre os mais escolarizados. Aqui é importante ressaltar que na formulação da questão não se especificou o tipo de leitura, referindo-se a “livros e revistas” genericamente.

Frequência a teatro e a cinema está pouco incorporada ao cotidiano da amostra aqui analisada. De toda forma, os anos de estudo parecem ter mais influência no primeiro caso do que no segundo. É maior a frequência a shows do que a declarada a cinema. 20% vão a shows “poucas vezes no mês”; 6% o fazem “várias vezes no mês”, enquanto 5% realizam tal atividade semanalmente. No caso desta última prática, os que mais estudaram são os que mais vão a shows.

Uma seqüência de quatro questões abertas objetivava avaliar especificamente os gêneros prediletos, os rejeitados e os efetivamente escutados rotineiramente pelos sujeitos interrogados pelo *survey*. Em cada uma delas, a pessoa argüida poderia fornecer de uma até seis respostas. As informações eram registradas até que se chegasse a esta quantidade ou até que o questionado se calasse. Isto produziu um imenso estoque de categorias para os gêneros musicais. No total foram 110. Foi preciso um esforço de recodificação para reduzir as categorias a 13 – incluindo “tudo”, categoria que reúne os vários comportamentos ecléticos.

Uma forma de descrever o gosto dos sujeitos investigados nesta pesquisa é um inventário das respostas dadas à enquête.

Axé, balanço, black music, brega, caipira, chorinho, dance, eletrônica, evangélica, forró, funk, gospel, hino (de igreja, de louvor, evangélico), hip hop, house, internacional, klb, lenta, mpb, música suave, nacional, ópera, pagode, pop, pop rock, popular, rap, religiosa, Roberto Carlos, rock, romântica, samba, Sandy e Junior, se a música for boa não importa o gênero, sertaneja, sertaneja romântica, Simone, sou eclético, techno, todas, tudo. Estas foram as primeiras respostas dadas, de forma espontânea, à pergunta sobre preferência. Uma lista pouco menos extensa foi obtida quando se perguntou de que tipos de música os respondentes **não** gostavam.

A desvantagem desta forma é que dela não se pode inferir como os vários itens, aqui os gêneros musicais, se distribuem pela amostra. O seu mérito reside na quantidade de informação. Permite conhecer a amplitude das respostas e sua variabilidade.

Se nos guiamos exclusivamente pelas listas, pelos inventários, corremos, no entanto, o risco de avaliar o universo estudado percebendo nele apenas heterogeneidade e diversidade. Ainda mais prejudicial à compreensão do fenômeno analisado, seria a suposição de que todos aqueles gêneros são ouvidos indiscriminadamente pelo conjunto da população estudada.

A recodificação mencionada produziu as seguintes categorias: Axé; Evangélica / religiosa; eletrônica / pop / pop-rock; música sertaneja / forró; tudo; rock; pagode; samba; rap; caipira; outras; MPB / bossa nova / chorinho; romântica. Tentei seguir um critério que poderia ser descrito como “relevância para o grupo”. Gêneros muito mencionados ou observados nos eventos tiveram prioridade na montagem da lista. Outros, menos observados, mas que ocupam papel de destaque na cultura nacional ou internacional e são reconhecidos pelos moradores, foram transformados em categorias.

É possível uma descrição que informe mais que o inventário e que supere o nível ou a esfera eventual. Podemos conhecer, entre o vasto conjunto de gêneros mencionados, o quanto cada um deles constitui objeto de preferência e de rejeição dos sujeitos analisados.

Tabela 7 - Preferências

PREFERÊNCIAS	FREQÜÊNCIA	%
Sertaneja	60	25,2
Rap	25	10,5
Evangélica/religiosa	25	10,5
Eletrônica/pop/pop-rock	22	9,2
Pagode	19	8,0
Samba	18	7,6
Rock	16	6,7
MPB/Bossa Nova/Chorinho	16	6,7
Tudo	7	2,9
Romântica	9	3,8
Axé	7	2,9
Caipira	4	1,7
Outras	8	3,4
Não Respondeu	2	0,8
Total	238	100

Não estamos, portanto, diante de sujeitos que apreciem indiscriminadamente aquele conjunto de gêneros e estilos musicais. Uns são bastante mais preferidos do que outros. A categoria “música sertaneja” é a que apresenta o maior índice de predileção. É seguida pelo rap, com o mesmo índice das músicas “evangélicas”. As frequências das categorias “samba” e “pagode” somadas, no entanto, ultrapassam estas duas. É difícil saber, numa sondagem desta natureza, até que ponto seria válida uma tal operação aritmética. O quanto consideram próximas ou distantes tais categorias, aqueles que forneceram as respostas? Estes concebem o pagode como um sub-gênero ou o entendem como um tipo de música com identidade própria e diversa? Precisamos passar a um outro nível de análise para alcançarmos respostas a tais questões.

A verificação do comportamento no que diz respeito às recusas trariam novas indagações

Tabela 8. Tipos de Músicas Rejeitados

TIPOS DE MÚSICAS REJEITADOS	FREQÜÊNCIA	%
Rap	63	26,5
Sertaneja	35	14,7
Pagode	18	7,6
Axé	16	6,7
Samba	7	2,9
Evangélica/religiosa	6	2,5
Eletrônica/pop/pop-rock	4	1,7
Rock	3	1,3
Romântica	3	1,3
MPB/Bossa Nova/Chorinho	1	0,4
Tudo	1	0,4
Caipira	1	0,4
Outras	32	13,4
Não Respondeu	48	20,2
Total	238	100

Curioso notar, por exemplo, que no mesmo universo, um estilo musical, como o rap, possa ser simultaneamente o segundo mais escolhido e o mais recusado.

Uma outra classificação é obtida quando a pergunta deixa de ser preferência e rejeição, e questiona-se sobre a prática efetiva de escuta independentemente das avaliações.

Tabela 9 – Tipos de Músicas mais ouvidas

TIPOS DE MÚSICAS MAIS OUVIDAS	FREQÜÊNCIA	%
Sertaneja	39	16,4
Rock	30	12,6
Romântica	26	10,9
Rap	26	10,9
Eletrônica/Pop/Pop Rock	23	9,7
Pagode	22	9,2
Evangélico/religioso	19	8,0
Samba	18	7,6
MPB/Bossa Nova/Chorinho	5	2,1
Axé	3	1,3
Caipira	1	,4
Tudo	1	,4
Outras	16	6,7
Não Respondeu	9	3,8
Total	238	100

Aqui se deve observar a posição de “rock” – segundo lugar – e “eletrônica / pop / pop-rock” que, de acordo com as respostas, são gêneros mais ouvidos que os preferidos rap, “evangélicas” pagode e samba. Tal verificação sinaliza para o fato de que as preferências não se traduzem necessariamente em audição efetiva dos gêneros apreciados.

A apropriação musical tem se mostrado, mais do que muitos outros fatores, um eficaz marcador social. Indica e reproduz desigualdades sociais. O consumo musical é tanto ou mais eficaz como índice de diferenças cujas bases são sexo, idade, cor, filiação religiosa. A música participa, neste caso, dos múltiplos processos de constituição identitária.

Das 13 categorias em que foram reagrupadas as respostas sobre as preferências musicais, 6 estão associadas ao sexo do(a) ouvinte. Axé, Música Evangélica e Música Romântica são

majoritariamente preferidas por mulheres. Música eletrônica, rock e rap são mais amplamente apreciados pelos homens.

Quanto às idades não há muitas surpresas. Os resultados obtidos Confirmam a idéia de que há uma música jovem. Ou melhor, um grupo de gêneros que, mais do que outros, fazem parte do conjunto de itens culturais consumidos pelos jovens. Gêneros musicais que, associados a outros elementos, são por eles acionados na configuração de seus estilos de vida. Axé, rock, rap e eletrônica são claramente estilos musicais pertencentes a este rol.

Os cuidados que devemos ter são, primeiro, determinar que “juventude” é, antes de tudo, um conjunto de valores, atitudes e símbolos relativos à presença marcante de grupos etários homogêneos na modernidade. Segundo, termos clareza de que determinadas pautas de consumo – no caso aqui analisado, consumo de gêneros musicais – ainda que sinalizem para estilos de expressão ligados à questão geracional, não configuram culturas ou sub-culturas juvenis.

Três dos primeiros gêneros mais admirados opõem grupos de cor. Música sertaneja e evangélica são preponderantemente preferidas pelos brancos. Inversamente, 60% dos que dizem gostar de rap em primeiro lugar são negros. Apesar dessa franca preferência (50%) dos brancos pela música sertaneja, não se pode afirmar tal se deva à existência de elementos étnicos contidos neste gênero. Como algumas análises demonstram, a música sertaneja tem consistentes elementos de classe na sua constituição, assim como podem ser encontradas conotações de gênero. Mas as etnicidades não parecem fazer parte dos conteúdos do gênero. Esta talvez seja uma das razões para esta distribuição das preferências. Em geral, são justamente aqueles estilos musicais aos quais é possível atribuir alguma carga étnica – ou seja, em que está presente alguma representação sobre etnias – os mais apreciados pelos negros. A comparação entre samba e pagode, a este respeito é interessante: há uma distribuição equilibrada entre os três grupos de cor quanto à predileção por pagode. É a distribuição mais equilibrada entre todos os gêneros. Já o samba atrai a preferência de 61% dos negros sondados pelo *survey*. Este fenômeno repete-se em todas as manifestações associadas à cultura hip-hop – o rap é a forma musical ligada a esta tradição mais expressiva no contexto analisado.

4. DIC DISTÂNCIA INCALCULÁVEL DO CENTRO

Ao percorrerm e usarem o bairro em que vivem os moradores da cidade se apropriam desse espaço. Predomina aí, como relação social, a vizinhança. Tipo de sociabilidade que relaciona agentes que, apesar de não serem desconhecidos, não se tratam fraternalmente. Não se reproduz aí a intimidade que caracteriza os laços no interior da família (Caldeira, 1984).

O local de moradia é uma importante referência na apresentação dos indivíduos para o mundo. Nos DICs as maneiras de identificação dos sujeitos com o local onde moram são bastante diversificadas – podendo assumir a forma da não identificação.

Os locais de moradia seriam responsáveis pela produção de uma complexa identidade – associada desde o nível local até o mundial – diretamente relacionada ao uso que os indivíduos fazem da cidade.

Indivíduos que vivem numa cidade mas que não têm acesso aos bens e serviços disponíveis, acabam, mesmo assim se incluindo na cidade de forma subjetiva. Um exemplo que bem ilustra esse fato é apresentado por Martins (1997), ao se referir às novas desigualdades sociais que implicam, por um lado, a separação material e, por outro, a “unificação ideológica”. Segundo o autor,

o favelado, que mora no barraco apertado na favela imunda, com o simples apertar de um botão da televisão, pode mergulhar no colorido mundo de fantasia e luxo das grandes ficções inventadas pela comunicação de massa, exatamente como faz, pelo mesmo meio e, provavelmente, no mesmo horário e canal, o milionário que vive nos bairros ricos das grandes cidades (Martins, 1997, p. 21).

Se, de um lado, devemos considerar essa forma de “unificação ideológica”, por outro, os indivíduos estão, cotidianamente, se identificando através de um sistema de interação construído em ambientes de pequena escala (grupos de parentesco, vizinhança, família, entre outros) e construindo sua existência social. A partir destas considerações, a intenção, no presente, é chamar a atenção para a necessidade de considerar que é no cotidiano que os indivíduos vivem, estruturam uma determinada sociabilidade, constroem suas identidades e desempenham papéis. É através do cotidiano que valores são compartilhados de uma maneira que parece “natural”, pois

não se trata de padrões, ou normas, que são conscientemente determinados por cada um e, sim, justamente reiterados no dia-a-dia. Assim, os estilos de vida e papéis observados no cotidiano são apresentados como fragmentos e tarefas que se executam de maneira quase automática. Dessa forma, o cotidiano acaba se tornando uma vivência de um “outro tempo”, que não é aquele que prevalece e que é valorizado em nossa sociedade.

Enquanto a noção de tempo que prevalece no cotidiano é repetitiva e cíclica, uma vez que se inicia, termina e recomeça da mesma forma, acabando por não possuir profundidade - não tem passado nem futuro -, nas sociedades contemporâneas temos a noção de um tempo linear (Caldeira, 1984).

Na história local, a escala de tempo não é a mesma dos grandes processos históricos. É devido a este fato que os que vivem essa história não têm condição de captar imediatamente o significado histórico de suas ações, de seu trabalho e, até, de suas lutas. José de Souza Martins procura verificar como a história atravessa a vida dos indivíduos concretos, questionando o que é, afinal, história para essas pessoas. Sua idéia consiste, portanto, em verificar o quanto este processo é abrangente para essa massa de população condenada ao trabalho e a viver a rotina da vida cotidiana. Entende a periferia como um cenário de tensão, medo, descontinuidade, ruptura e desafios.

Martins (2000) chama a atenção para a existência da multiplicidade de tempos presentes no processo histórico, que fazem com que a sociedade se reproduza continuamente. Esse processo é marcado pelo desencontro entre o que se quer transformar e o que se quer preservar: este é o processo que se observa na contemporaneidade. É também quando se verifica que o cotidiano é submetido a um ritmo de vida exterior, padronizado.

Dessa forma é que modernidade é vista por Martins (2000) como sendo constituída por diferentes ritmos quanto ao desenvolvimento econômico, social e tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela miséria global que cresce intensamente dos que necessitam suprir carências materiais essenciais à sua reprodução, mas também aquelas carências de caráter qualitativo que compõem a vida social, onde se incluem a justiça, alegria, o trabalho, sonho, enfim, as “necessidades radicais”.

A vida cotidiana está ligada à modernidade e, ambas, se encontram ligadas à questão da temporalidade. Enquanto a vida cotidiana se funda no tempo banal, trivial e repetitivo, a modernidade é alimentada pelo instantâneo, pela rapidez, o tempo da publicidade, da linearidade,

da fragmentação e da acumulação.

Não devemos, portanto, perder de vista que uma análise crítica do cotidiano implica verificar os processos temporais e suas interferências, sua quantificação no processo social e produtivo, sua organização, as conseqüências na objetividade social e na subjetividade humana, além do quase desaparecimento da dimensão qualitativa do tempo e do espaço na organização técnico racional da sociedade moderna, como nos alerta Lefebvre (1991). Da mesma forma, não devemos perder de vista que o tempo cotidiano também passa pelo crivo da homogeneidade, da fragmentação e da hierarquização, visando o global, além do modo de produção e reprodução. É dessa forma que o cotidiano não pode ser considerado “tão” banal assim, pelo fato de o próprio espaço e tempo não serem desinteressantes e muito menos inocentes. Estas duas dimensões implicam uma estratégia objetiva e, em alguns momentos, subjetiva, pois se realizou de maneira material e simbólica, no interior da sociedade.

Ao se voltar os olhos para a vida do dia-a-dia percebe-se que o homem está submetido à busca de meios para sua subsistência e parece perder a consciência do ser social. É por isso que entendemos que a vida cotidiana é marcada pela imediatividade, previsibilidade, espontaneísmo, pragmatismo, revelando-se um modo de vida limitador das atividades e práxis humana. A estrutura da vida cotidiana possui alguns pressupostos em sua constituição que leva o sujeito a considerar seu ambiente como algo dado, já feito, a se apropriar espontaneamente de seu sistema de hábitos e técnicas; seu comportamento é pragmático direcionado ao êxito das atividades; seu conhecimento não é medido por critérios de opinião.

A “descoberta” da possibilidade de agir sobre e através do consumo viabiliza a organização e a estruturação da vida cotidiana. Seus fragmentos passam a ser explorados racionalmente: o trabalho, a vida privada, os lazeres, etc. É a prevalência da chamada “sociedade burocrática de consumo dirigido” (Lefebvre, 1991). Com isso, há, também, a criação de uma nova cidade, com o rápido crescimento do tipo tradicional, onde imperam a segregação, vigilância policial, e seus habitantes recebem o estatuto generalizado de proletários (Lefebvre, 1991). Este mesmo autor sugere que as atuais sociedades capitalistas, tanto as centrais quanto as periféricas, tendem para a programação da vida cotidiana. Uma programação que ocorre no tempo do trabalho social e, também, no tempo do não-trabalho, já que programa o próprio lazer, entre outras atividades da vida privada.

Se cotidiano pressupõe opressão e submissão, não é, de forma alguma, desprovido de

alternativas, já que em sua própria “constituição” existem brechas para rupturas e infinitas possibilidades de transformação da vida social (Lefebvre, 1991).

O ponto de partida para a análise da vida cotidiana na modernidade é a crítica contemporânea da economia política do sistema capitalista. A vida cotidiana é marcada pela reificação das relações desenvolvidas pelos indivíduos enquanto tais. Enquanto no capitalismo concorrencial os espaços de existência individual eram ocupados, restando ao indivíduo um certo campo de manobra para o exercício de sua autonomia e poder de decisão, no capitalismo monopolista, através da organização da grande indústria moderna, os espaços são todos ocupados por esse modo de produção, invadindo todos os interstícios da existência individual.

A cotidianidade se instaura, então, nesse contexto de previsibilidade e gerenciamento da subjetividade. Por isso, a necessidade de se pensar a vida cotidiana a partir de uma perspectiva dialética. Mais ainda, considerar a participação do “homem comum” que, apesar de imerso numa cotidianidade, é portador de um “senso comum” e um agente da dinâmica social. Aquele homem de carne, ossos e sonhos que, compelido pelas circunstâncias, age no sentido de procurar obter o que falta a ele, ou seja, aquilo que faz parte das suas “carências básicas”, tanto de natureza material (abrigo, alimentação, roupas), quanto não-material, pela natureza qualitativa de sua satisfação (Martins, 2000).

Tanto os tradicionalistas quanto os modernizadores quiseram construir objetos puros. Os primeiros imaginaram culturas nacionais e populares “autênticas”; procuraram preservá-las da industrialização, da massificação urbana e das influências estrangeiras (Canclini, 1997).

Já conhecia esta advertência e algumas similares quando me decidi por realizar minha pesquisa em um bairro localizado na periferia da cidade. Mesmo depois de tantas críticas aos essencialismos, insisti na busca de um espaço popular que estivesse o mais distante das experiências da elite, o menos possível “contaminado” por ela. Esta orientação inicial teve repercussões na qualidade das minhas observações. Na surpresa que a heterogeneidade social que eu verificava naquele contexto me provocava.

Nas periferias as classes populares constituem a quase totalidade da população. Daí decorrem dois fatos relevantes para a pesquisa. O primeiro, positivo, é que tal concentração popular facilita a observação. Elas estão mais imediatamente alcançáveis. O outro, menos produtivo, é que esta densidade dificulta a análise dos fatores relacionados aos processos de

interação social que não se dão propriamente no interior da classe em questão, ou pelo menos não derivam do pertencimento a ela.

Para alcançar meus objetivos, o que eu precisava era ter acesso ao cotidiano de pessoas que morassem naquela localidade. Mas cotidiano e intimidade dividem os mesmos espaços. As pessoas resistem – naturalmente – a compartilhá-los com estranhos.

Era preciso “entrar” no bairro. Uma amiga me abriu uma primeira porta⁴. Ela trabalhava em uma escola pública na localidade e mediou meu contato com funcionários, alunos e ex-alunos. Essa foi a fase mais exploratória da pesquisa. Fase de aprendizado de caminhos, de códigos, de vocabulários e, sobretudo, do que eu estava ali para apreender: de repertórios. De estoques de símbolos mobilizados por aqueles agentes.

A chegada em uma localidade desconhecida implica um período de reconhecimento, de familiarização com o novo contexto. Minha experiência biográfica encerra uma relação contraditória com os meios populares. Contradição oriunda de um crescente estranhamento que fui estabelecendo com ele, apesar de nele poder identificar minha origem social. Os ambientes que passei a frequentar com o início da pesquisa me lembravam, alguns, aqueles que eu frequentara na infância. Mas o reconhecimento destas semelhanças não era, em absoluto, suficiente para que o processo de familiarização se efetivasse. O fato é que eu os moradores dali sabíamos que eu não pertencia àquele mundo.

O foco da minha atenção se orientava, quase em vão, para os repertórios musicais. O que, onde e de que maneira observar? Eu não possuía um e ninguém se dispôs a ser meu guia. Nesses momentos, mais do que o método, contam alguma dose de sorte, intuição, empatia e – mesmo que usado involuntariamente – poder.

Minhas primeiras visitas ao DIC 3 estiveram restritas ao espaço da escola Municipal Reverendo Eliseu Narciso. Lá estabeleci os primeiros contatos com moradores da localidade. As primeiras conversas que tive foram com alunos e ex-alunos da escola, que desempenhavam as funções referentes ao papel de “voluntários” da escola. Categoria ambígua e escorregadia, é quase sempre entendida como uma negação seja daquele que faz algo “obrigado”, porque lhe é imposto, seja daquele que nada pede em troca por aquilo que faz. No caso de alguns rapazes do *Eliseu*, não é correto o uso daquele termo para designar sua condição já que alguns dos que

⁴ De acordo com a tipologia de Canclini, minha entrada foi típica de sociólogo: cheguei ao local de ônibus e pela pista principal; ao contrário do antropólogo que chegaria a pé e do comunicólogo que chegaria de avião.

faziam parte do grupo dos “voluntários” eram remunerados. Eram encarregados pelo abastecimento da cantina da escola.

Este grupo foi meu primeiro interlocutor. E devo salientar o sentido de grupo, porque foi assim que nos relacionamos nos primeiros encontros. Eles e eu. O “nós” e o “você”. Estes encontros repetiram-se sempre à tarde, quase sempre sem agendamento prévio.

Fui quase que exclusivamente de ônibus. Por dois trajetos diferentes: pegando um ônibus no terminal Barão Geraldo cujo destino é o terminal Ouro Verde, já na área dos DICs; ou indo de Barão Geraldo para o terminal Central e de lá seguindo para os DICs. A primeira opção corresponde ao caminho mais longo.

O tempo médio para se chegar até a região, saindo do Centro, é de 35 minutos, de carro, ou 1h 15 de ônibus, trocando de ônibus nos terminais. Na região há um terminal de ônibus: Terminal Ouro Verde, que está localizado no Jardim Ouro Verde. O tempo do deslocamento do terminal até os bairros – DIC 1 e DIC3 – é de quinze minutos.

De acordo com alguns moradores, o trajeto do bairro feito de ônibus até o Centro de Campinas é demorado em função da distância e não pela falta de transporte. Para estes, a quantidade de veículos que circulam nesta região é satisfatória, possibilitando o acesso a vários pontos da cidade, incluindo shoppings e hospitais públicos, tais como o da PUC e o da UNICAMP.

O acesso ao cotidiano, à rotina das pessoas ocorreu de forma bastante lenta. E só pude experimentar um convívio mais intenso e, de alguma forma, íntimo com alguns moradores no período em que habitei na região, dois anos após.

Na primeira fase da pesquisa minhas iniciativas estavam divididas em algumas conversas e longas caminhadas pela região. Logo que avalei que meus interlocutores iniciais haviam compreendido minimamente meu objetivo, passei a sonda-los sobre a possibilidade de realizar entrevistas. Desde os primeiros encontros eu tentei esclarecer que minha intenção era apreender os hábitos de lazer e cultura dos moradores daquela localidade, com especial interesse sobre suas preferências musicais.

A realização das entrevistas atendia a um duplo interesse. Estas são, além de instrumento de coleta de informação, uma forma de acesso aos espaços domésticos. Mas principalmente nesta primeira fase, nem sempre esse acesso ocorreu de forma fácil e espontânea. Algumas entrevistas foram realizadas no espaço da escola. Teresa Pires Caldeira comenta:

A maior defesa da pessoa a quem é solicitada a entrevista certamente é recusar-se à relação. Mas, se não consegue ou não quer furtar-se a ela, encontra ainda outros mecanismos de defesa: pode selecionar, ocultar, enganar (Caldeira, 1981).

Entrevistei mais negros e negras do que brancos e brancas. Minha sugestão é que algum processo de identificação de base étnica tenha promovido essa maior aproximação entre investigador negro e sujeitos pesquisados também negros – o cabelo seguindo o padrão “rastafari” deve ter contribuído. Não se trata, contudo, de diferença significativa, em termos numéricos, já que percebi a discrepância a tempo.

Nas primeiras visitas, ansioso por descortinar um novo universo de práticas associadas ao prazer e à sociabilidade promovidos pela música, e não encontrando situações que assim pudessem ser descritas, passei a nutrir a sensação de que na região imperava um certo “silêncio”. Cheguei a manifestar tal impressão aos meus interlocutores locais. Sua reação, contudo, reforçou a impressão – posteriormente alterada: era recorrente um discurso que afirmava que a realização de eventos naquela localidade – sobretudo eventos noturnos envolvendo consumo de bebida alcoólica – tinha inevitavelmente desfechos violentos. E por isso bailes e festas foram-se escasseando, restando exclusivamente os realizados por iniciativa das igrejas – as quermesses – das escolas e poucas outras. Esta explicação sofreria sucessivas modificações até a versão ‘final’, de acordo com a qual o apaziguamento na região foi alcançado com a intervenção da facção Primeiro Comando da Capital (PPP), que passou a atuar como árbitro de conflitos, contendo assim a quantidade de mortes. Segundo vários depoimentos, a escalada dos crimes violentos esteve fortemente associada ao tráfico de *crack*.

Percebe-se a presença do sentido de periferia entre os moradores quando eles ressignificam e comentam de forma bem humorada que uma outra definição para a sigla DIC seria “Distância Incalculável do Centro”. Apesar da coincidência da sigla, habitantes de periferias – de acordo com a maneira como se inserem na mesma – terão suas identidades, visões

de mundo, estilos de vida, condicionados pela distância que estão do centro e que é concretamente calculável, em termos espaciais e temporais.

O padrão arquitetônico e os equipamentos eletrodomésticos que encontrei na primeira residência em que fui realizar entrevista fugiam completamente às expectativas que tinha em relação às condições de vida das classes populares. O fato é que análises e teorias podem minimizar, mas não eliminam completamente determinadas pré-concepções que uma prolongada experiência de observação direta dos fenômenos pode, esta sim, anular.

A paisagem física das localidades onde a pesquisa foi desenvolvida oscila das partes que têm uma aparência rústica associada ao aspecto de bairros inacabados, nas quais prevalecem os tons acinzentados das construções e a falta de pavimentação, àquelas em que o aspecto é pleno de indícios dos confortos da modernidade. É grande a heterogeneidade dos padrões das moradias. Algumas se aproximando mesmo dos modelos de construção encontrados em bairros de classe média baixa. Por toda a região é grande o número de conjuntos habitacionais. Grande é também a dificuldade em reconhecer os limites entre os bairros, que se estendem por poucos quarteirões, mesmo para os moradores que me acompanhavam em algumas caminhadas.

Concorre em quantidade com os bares e vendas uma imensa quantidade de “salões de beleza”. Quantidade provavelmente explicada pelo baixo volume de recursos mobilizado na abertura deste tipo de negócio. As matérias-primas são de baixo custo e o investimento é inicialmente realizado no espaço domiciliar.

Também chama a atenção e atrai um público expressivo uma grande diversidade de denominações religiosas. Como em outras regiões, as igrejas, sobretudo a católica operam, além da mediação entre as esferas terrena e transcendental, como espaço de sociabilidade cotidiana. Até onde observei, as igrejas protestantes – e é importante salientar que têm pouca representatividade neste contexto as igrejas protestantes tradicionais – estão mais estritamente vinculadas às funções especificamente religiosas.

Dada a compreensível relutância das pessoas em, espontaneamente, franquear-me o acesso aos seus ambientes familiares, recorria frequentemente ao argumento estratégico da entrevista. É preciso termos presente que a situação de entrevista rompe, com o cotidiano vivido, criando uma situação excepcional (Caldeira, 1981). Mas permite a “entrada” no ambiente em que decorre tal cotidianidade.

Muitos bares, ao contrário do que pressupunha, são espaços freqüentados por vários membros das famílias – sem restrição de sexo ou idade. Ali, muitas vezes, são resolvidas, publicamente, questões familiares. É como se a noção de privacidade fosse mais flexível. Ou mais amplo o espectro das questões que se permite discutir publicamente. Presenciei discussões que em outros espaços sociais teriam se desenrolado numa esfera mais reservada.

O primeiro grupo de entrevistados é constituído por uma única pessoa que não é ligada à escola: é ex-moradora do bairro. Mas como deixara o bairro havia pouco tempo, considere que seu depoimento seria esclarecedor. Realizei sete entrevistas neste contexto. Duas com homens e as demais com mulheres. A média de idade deste subgrupo é a mais baixa, com idades variando de 14 a 28 anos. A única migrante, a ex-residente, é natural de Pernambuco. Os demais nasceram em Campinas, sendo os pais, com uma única exceção, provenientes, ainda jovens, do interior de Minas Gerais ou de São Paulo. São, em geral, moradores antigos do bairro e se conhecem. Metade dos arranjos familiares não segue o modelo clássico composto por pai, mãe e filhos.

Duas moças ainda não trabalham e dedicam-se exclusivamente aos estudos. Chama a atenção no depoimento dos demais, a duração de suas rotinas diárias: iniciando-se sempre muito cedo e encerrando-se tarde da noite, sem muito tempo para diversões. Mas por mais escasso que seja o tempo tido como livre, os tipos de usos que se fazem das expressões musicais são sempre muito diversificados.

Observa-se que todos têm grande familiaridade com a rotina do bairro e transitam por ele com muita desenvoltura. E demonstram, em geral, uma postura crítica em relação a ele. Reconhecem suas deficiências, como a violência e a precariedade das instituições locais voltadas para o atendimento médico. Mas vêem positivamente também. A mais freqüentemente citada é a quantidade de escolas existentes na região.

De forma mais ou menos ativa, a música está incorporada ao cotidiano de todos. A única prática que supera em freqüência o consumo musical é a audiência televisiva. Todos souberam responder, por exemplo, a última música ouvida. A fruição musical permite diferentes atitudes por parte de quem a consome. Inclusive associar outras atividades à audição. Não é privilegiada aqui a situação de escuta atenciosa, típica de concertos, mas, ao contrário, procurou-se observar o conjunto de situações em que o consumo musical se verifica.

Acreditava que a influência das indústrias culturais na constituição do universo musical dos atores fosse mais exclusiva do que o observado. Ainda que o contato com a criação musical se dê majoritariamente por intermédio dos meios massivos, estes não podem ser considerados exclusivos. São vários os casos de participação em fanfarra, em coro de igreja, de prática instrumental, ou mesmo de participação em uma dimensão menos “industrializada” de um ‘circuito’. Estas múltiplas experiências são, seguramente, fontes de suas preferências. Mas por outro lado, podem estar – tais preferências e aquelas experiências - correlacionadas a outros fatores.

Os entrevistados que trabalham na escola estão alocados, todos, no cargo de “agente escolar”. Desempenham funções diversas como faxina, cuidar da portaria e inspecionar alunos. A ex-moradora tem dois empregos. É massagista e recepcionista em um sindicato. As estudantes cursam a sétima série do ensino fundamental e o curso de letras. Tal aluna participa de programa do governo do estado de São Paulo que custeia gastos de universidade privada para alunos inseridos em projetos nas escolas da rede pública.

As possibilidades de acesso a conteúdos musicais diferentes dos seus habituais variaram de caso para caso. As principais regularidades verificam-se justamente entre os três funcionários da escola (um homem e duas mulheres). Todos na faixa dos vinte anos, suas preferências são as mais semelhantes. Os três cumprem uma rotina exaustiva: dois porque trabalham e estudam. Uma das mulheres porque é casada e tem filha, o que lhe confere mais atribuições e sistematicidade ao cotidiano. Em sua entrevista utiliza com recorrência as expressões “ajeitar” e “dar um trato” para se referir a tarefas domésticas. Não é possível conciliar suas atividades profissionais na escola com práticas de audição musical. O funcionário, contudo, exerce, com o objetivo de complementar a renda, a atividade de segurança de shows.

Tinha grande interesse em identificar os espaços de fruição musical na região. Nenhum destes meus interlocutores os freqüentava. Apesar de a música estar frequentemente associada ao seu lazer, isto ocorre para eles, com mais freqüência, no espaço doméstico. Estes três moradores relataram que precocemente deixaram de sair para “baladas”. Optaram por programas mais familiares, como visita a parentes ou ida a lanchonetes. Mudança associada ao início de namoro fixo ou casamento. Os que freqüentam um circuito mais amplo – que abrange diferentes regiões

da cidade – manifestaram um gosto musical diversificado que inclui rap, música pop, rock alternativo e samba.

É possível vislumbrar entre alguns dos agentes aqui aludidos traços de pertencimento a comunidades de gosto. Referem-se, recorrentemente às mesmas obras e artistas para designar suas adesões e recusas. Isto é observado com mais frequência nas situações em que aprenderam a ouvir a música que apreciam em suas casas com seus pais e parentes. Ainda que tenham feito investimentos escolares maiores que seus pais, estes não chegam a ser altos o suficiente para romper com o sistema de esquemas geradores de preferências associado à ocupação de uma mesma posição do espaço social. Outros, ao contrário, estabeleceram uma ruptura com suas heranças familiares. Através de um genuíno esforço de “boa vontade cultural”, tentam engajar-se em práticas culturais que consideram socialmente mais reconhecidas.

Sinalizando o que parece ser o comportamento característico do universo social analisado, aqueles funcionários expressam um gosto musical sincrético. Elegem o pagode como gênero predileto comum, sempre associado a outros gêneros. Alguns dos nomes reverenciados são Beth Carvalho, Alcione, Jorge Aragão, Zeca Pagodinho, o grupo Fundo de Quintal, Neto de Paula (Netinho) e Exaltasamba. Mas os gêneros que compõem a combinação não são consensuais. O Axé, que é o segundo gênero preferido por Andréa, por exemplo, está na lista de rejeições de Cacá, que comenta sobre ele: “quer rebolar, rebola na rua”, aludindo ao fato de tratar-se de um gênero impróprio para o consumo em seu lar. Rap e MPB são os estilos que ele associa com o pagode. Já Fabiana prefere combinar pagode com música sertaneja.

Se o samba dá coesão às suas predileções, não é possível verificar unidade em suas recusas. As outras funcionárias recusam, respectivamente, rock, Andréa e forró e música de Roberto Carlos, Fabiana.

Quanto àquela rejeição ao Axé, ela parece ter maiores conotações éticas do que propriamente estéticas. A música não sendo recusada especialmente por suas propriedades formais, mas, sobretudo pelo seu conteúdo moral agregado. A dança associada à música não sendo um bom exemplo de comportamento a ser seguido.

Como esperado, práticas como frequência a cinema e a teatro não fazem parte do cotidiano destes meus interlocutores. Assistir filmes em DVD é uma programação que, em alguma medida, compensa aquela ausência. Cacá mencionou como últimos filmes assistidos: “Cidade de Deus”, “Carandiru” e “Uma Onda no Ar”. Ao longo da pesquisa foram vários os relatos de pessoas que afirmaram que a opção por assistir a filmes em casa não se deve exclusiva ou majoritariamente ao custo ou à distância das salas de exibição, mas sim a um estranhamento da situação de exibição de filmes em público. O que pode estar associado à existência de legendas, à impossibilidade de controlar o andamento do filme, etc.

Há um programa do governo do estado de São Paulo denominado Escola da Família, cujo objetivo é permitir que a comunidade tenha acesso aos equipamentos escolares e transformando-os em centro de convivência, com atividades voltadas às áreas esportiva, cultural, de saúde e de qualificação para o trabalho aos finais de semana. A predileção de Karina, aluna da sétima série, por Axé, é tanta, que ela estava inserida no programa e oferecia uma oficina de dança daquele gênero.

Apesar de não ser funcionária, Karina tinha um intenso envolvimento com a escola e nela investia a maior parte do seu tempo. Além das atividades relacionadas à oficina de dança, ela retornava diariamente à escola no turno da tarde para a realização de tarefas variadas atribuídas ao grupo de “voluntários”. Participava ainda, como percussionista, da fanfarra da escola, cujos ensaios eram realizados aos sábados. Tocava prato e, na ocasião da entrevista, o instrumento que tocava era fuzileiro.

Axé não é seu único objeto de interesse. Entre suas preferências estão também samba e funk. O alvo da rejeição de Karina é inequívoco: trata-se da música sertaneja, a predileta de seu pai. Parece faltar a ela o que sobra nas suas preferidas: o forte apelo rítmico.

Fernando e Jéssica são ex-alunos da escola. Ambos mantinham vínculo com a mesma. Ele, apesar de identificado como “voluntário”, era remunerado com receita da Associação de Pais e Professores para manter a cantina da escola. Ela tinha o curso de letras custeado pelo governo estadual em troca de aulas de inglês ministradas durante a programação do “Escola da Família”.

Filha de eletricista aposentado que ainda trabalha, a rotina de Jéssica é bem diversa da dos demais. Durante a semana, com exceção das duas horas que estuda em casa e do período que passa na faculdade, assiste televisão. Sua programação predileta são desenhos animados e programas de auditório. Seu perfil é o que mais se aproxima do *omnivorismo*. Afirma explicitamente: “Eu gosto de quase todo tipo de música”. Solicitada a dar exemplos de gêneros apreciados, mencionou hip-hop, reggae, moda de viola, samba e música pop. Ao declarar os gêneros com os quais antipatiza, Jéssica estabelece uma distinção entre samba e pagode, ausente nas outras entrevistas. Sem explicitar no que consiste a diferença, afirma:

“Qual a diferença de samba e de pagode ? Eu acho que ... quer ver, Pixote é pagode. Sabe Pixote ? Ah, (nossa, não sabe). Arte Popular é pagode. Conhece Arte Popular ? Arte Popular é pagode, Bezerra da Silva é samba, Leci Brandão é samba. É um jeito diferente assim sabe, são músicas diferentes.”

Além de pagode, o outro gênero do qual afirma não gostar é o rock heavy-metal. Sua estima pela cultura hip-hop a torna uma frequentadora do centro da cidade.

Submetido a condições sociais bem diferentes, Fernando e Jéssica frequentam, dentro do bairro, círculos sociais semelhantes. Com pouca disponibilidade de tempo devido às obrigações na cantina e também aos compromissos de namoro, Fernando afirma que já circulou mais pela cidade. Já frequentou assiduamente o centro da cidade e o distrito de Barão Geraldo.

Há uma oposição entre a amplitude dos circuitos percorridos pelos sujeitos. Aliás entre a amplitude e a direção. Enquanto uns percorrem circuitos mais curtos direcionados para o próprio bairro, outros circulam em redes mais amplas, que poderiam ser consideradas centrífugas se o bairro for tomado como referência. Fernando, Jéssica e Cacá poderiam ser enquadrados nesta categoria. Ainda que no caso deste último a dispersão de sua circulação pela cidade se deva mais a motivações profissionais.

Com vinte e três anos, e tendo concluído o ensino médio, Fernando é uma espécie de mediador cultural. Já tocou guitarra e baixo em uma banda de rock e esteve envolvido no projeto

da Rádio Comunitária Mãe Maior. Na festa da escola que registrei – uma festa de *Halloween* –, apesar de um outro rapaz do grupo de “voluntários” ser o responsável pela discotecagem, ele era uma figura proeminente, solicitado com frequência. Ele também fazia parte do grupo de organizadores de uma festa que se realizava periodicamente em chácaras da região.

Duas imagens transparecem nas opiniões que emite sobre suas preferências e práticas: uma intenção de cosmopolitismo e a afirmação de uma imersão “alternativa” na esfera cultural. Seu discurso deixa transparecer o que seria uma postura anti-modismo no que diz respeito ao consumo de bens simbólicos. Propõe-se a demonstrar uma atitude crítica diante das imposições das corporações da indústria cultural.

- o que você tá chamando de alternativo?

- Bem, aquela coisinha de quem vai quem gosta mesmo, sabe? Tipo, esses festivalzinho assim de banda, não tem, cê fala pro cara: Ah não gosto porque é moda né veio. É moda. É só quem gosta mesmo né. Os festivais de reggae que agente foi tal, um tempo atrás, também só quem gosta. Você vê lá, não tem aquele, “é porque tá passando na televisão” né, o povo tá lá filho. Tá lá porque gosta mesmo, porque sabe é daquele negócio

Comportamento que ele insinua até mesmo quando recomenda a programação televisiva que os sobrinhos devem seguir. Teriam aprendido a gostar, através da sua ação pedagógica, dos desenhos educativos da TV Cultura.

Os gêneros que diz preferir são Rock alternativo, MPB e reggae. Questionado sobre artistas cujos discos gostaria de possuir menciona Bob Marley – de quem apreciaria ter toda a discografia – e Chico Buarque. Deste último teria especial interesse em obter a canção “Construção”. Disse ainda que teria grande interesse em assistir shows de Zé Ramalho e Gilberto Gil.

Quando comenta suas recusas, além do “pop”, “essas coisas que não somam” e para as quais diz “não ter estômago”, reproduz o discurso que opõe música comercial e música de raiz:

Sertanejo também não desce, gosto de música de raiz, moda de viola, mas o sertanejo assim mesmo, em geral, Zezé Di Camargo, esses cabra aí eu não gosto não, mas a música de raiz, sertaneja de verdade, eu aprecio bastante.

Sua freqüência a salas de cinema, e espetáculos em geral segue o padrão dos seus vizinhos. É bastante rara.

Desde os dezenove anos participa ativamente de atividades na igreja católica através do pertencimento a um grupo jovem. Participa de “retiros espirituais”, organiza festas para arrecadação de fundos ou ‘cestas básicas’, confecciona brinquedos.

Este último caso é, entre todos os analisados até aqui, o que mais traços tem do esforço em demonstrar o que Bourdieu chamou “boa vontade cultural”. Há aqui uma contradição dado que tal comportamento seria típico dos membros das classes médias. Mas o que me parece caracterizar particularmente o seu comportamento no que se refere às escolhas que faz seria um maior (re)conhecimento das legitimidades culturais.

Sem compartilhar as mesmas preferências que Fernando, Inês, a ex-residente no bairro, apresenta traços que os aproximam. No seu caso, o reconhecimento do legítimo, do que deve ser cultuado, se manifesta naquilo que Bourdieu designou como “ignorância do direito de ignorar”, atitude típica do autodidata. Percebe-se neste caso alguma culpa associada à sua postura:

“Você pergunta ‘de quem é essa música?’ Eu não sei quem é o cantor, né, que é uma falha de quem curte música, eu considero uma falha”

Admiradora de artistas da MPB como Caetano Veloso, Milton Nascimento e Marisa Monte, considera que estas são pessoas que “não produzem apenas música, elas produzem cultura. Levam você a se educar com a canção e a produzir pensamento”.

Sobre estilo, diz preferir canções em que a voz do intérprete sobressaia mais. Nas quais ela escute e identifique a palavra. “Eu gosto do som que o cantor produz através da palavra, através da própria boca. Então quando é um som eletrônico eu não curto.”

Em seu depoimento está presente também a valorização da autenticidade, “do que é de raiz”. Um dos exemplos que utiliza é o mesmo que o acionado por Fernando: a recusa da música sertaneja em favor da moda de viola. Repete a comparação entre samba e “esses grupos novos”.

Sobre sua memória auditiva recorda ter ouvido na infância, em Pernambuco, no sítio em que vivia, músicas das quais não se conhecia a autoria. Um exemplo é Fagner. “Chitãozinho e Xororó, aquela músicas sertanejas era o que mais se ouvia.”

A arte de se cultivar o bem, o bom e o belo

Os habitantes do conjunto habitacional da UNICAMP no DIC 1 são, no conjunto, os que tiveram, entre o grupo de entrevistados, a maior experiência de ascensão social. A média de suas rendas é mais elevada, suas ocupações gozam de maior status e seus graus de instrução são também mais elevados. São os que os moram há menos tempo no bairro, menos se identificam com ele e percebem esse fato – ir morar no DIC – como uma decadência da sua mobilidade social. Mas ainda que possam ser pensados como um sub-grupo com características comuns, os entrevistados aí “localizados” mantêm alto grau de heterogeneidade como ocorre para o grupo maior do qual fazem parte.

O principal traço distintivo é a apreciação negativa que fazem do bairro e a recusa de nele interagir. De acordo com seus relatos, se depender de suas vontades, mantêm-se o máximo de tempo dentro dos limites do condomínio. Insegurança e precariedade do comércio são as principais queixas. A distância do centro e dos bairros mais dinâmicos da cidade também é apontada como uma deficiência.

Em alguns casos, essas reclamações significam mais do que uma reprovação ‘de fato’ da nova situação, uma comparação com a anterior na qual a antiga adquire mais valor.

Jessé, 28 anos, é açougueiro e está cursando o ensino médio. Mora com a esposa e uma filha. Sua renda mensal é uma das mais baixas no grupo do conjunto habitacional da UNICAMP: um salário e meio. Porém, é rico quando comparamos a sua cultura musical em relação aos demais entrevistados. Também é migrante, veio quando criança da cidade de Cuiabá, Mato Grosso. Durante nossa espontânea conversa falou muito sobre a peregrinação de seus pais pelas principais cidades mato-grossenses. Dizia que estava no sangue, o espírito cigano dos pais. Mas após o casamento decidiu interromper a sua vida de nômade.

Animado quando perguntei se gostava de música, ele respondia sorrindo que estava no sangue do cigano. Seu pai tocava viola e quando era criança lembrava o que seu pai lhe dizia aos oito anos de idade: “vamos debulhar a viola?”. Em poucos meses o garoto já tocava o instrumento. Suas músicas preferidas eram: “tico-tico no fubá, acalanto e ciranda cirandinha”. Reportava-se nostalgicamente àquela época como uma infância bem vivida, apesar das dificuldades que muitas vezes enfrentavam. Sempre ouvia música, até mesmo fora de casa, quando ia para as quermesses organizadas pela comunidade e a igreja. Nessas festas ele dizia que ouvia muito forró, cujo nome naquela região era rasquiado cuiabano. Não tinha televisão quando criança. Mas outro fator que me chamou a atenção é as características que ele apresentou como herdadas do pai: a sua paixão pela música sertaneja de raiz. Sua casa era cheia de discos de vinis, fitas cassetes e cds de cantores conhecidos na região de Mato Grosso.

Perguntei a ele se conhecia algum outro gênero musical e ele me respondeu irônico: “existe gênero?”. Quando fala em cultura, lhe vem imediatamente à cabeça:

“Viola brasileira! Viola, a cultura mais antiga que existe!”.

Dessa maneira foi fácil obter respostas e ir direto ao assunto com relação as suas

preferências musicais. Como açougueiro, seu único dia de lazer é o domingo. Pela manhã dedilha um pouco na viola, assiste ao programa esportivo de canal aberto e costuma almoçar em companhia dos pais. A tarde leva sua filha e esposa, sempre a um bosque ou assiste uma partida de futebol. Não possui antena parabólica e não gosta de programas de auditório por não exibirem violeiros durante a programação. Às vezes costuma ir à casa de amigos para beber cervejas onde se arrisca em ouvir um pagode. Confessou para mim que para ganhar dinheiro chegou a trabalhar como DJ numa festa de aniversário e noutra oportunidade como segurança de show do Amado Batista, Wando, Zezé de Camargo e Luciano.

Perguntei a ele se havia mais alguém na família que tocava algum instrumento. Ele me respondeu que tinha um pagodeiro, sobrinho da sua esposa que tocava timba, cavaquinho e pandeiro. Também indaguei sobre os gostos musicais da sua esposa e ele me falava que eram os mesmos gostos musicais dele, além daquilo que designou sertanejo moderno: Bruno e Marrone. Insisti ainda mais no assunto, pedindo para ele citar pelo menos cinco nomes de músicas e respectivos artistas que gostava de ouvir. Todos sertanejos.

“Ah, eu não sei. Eu acho que varia muito da criação. Eu fui criado com a música sertaneja. Se eu fosse criado com a MPB por exemplo, acho que não iria gostar de música sertaneja. No entanto como eu fui criado mais com a música sertaneja aí a MPB e demais estilos musicais foi muito difícil eu escutar. Por isso que eu não gosto de outros estilos. O rap é um exemplo disso que te falo Paulo. Eu só vim ouvir falar aqui em Campinas. Lá no Mato Grosso eu nunca fiquei sabendo de rap.”

Ele disse que estranhou muito o estilo musical do rap. Que não gostava da maneira em que recitavam as letras das músicas e reclamava muito da repetição das batidas sonoras da melodia. No seu convívio diário com amigos de trabalho, falou que as pessoas ouviam muito o rap, mpb e o forró.

Para minha surpresa, ele me mostrou que também era compositor de música sertaneja. A saber, resumo a importância da música com uma letra de sua autoria:

"Minha estrada agora é pelo cerrado.
Esqueço do tempo, esqueço do acaso.
Me prendo ao relento de meu passado
e busco sorrir montado a cavalo,
na melodia que meu dedilhar desabrocha,
arrancando até dum sorriso da moça
o fino som das violas de outrora..."

As experiências narradas por Jessé apontam para sua história vivida como fonte de elementos de composição das suas escolhas musicais. Suas preferências musicais são marcadas pelo ambiente do sertanejo matogrossense. Jessé não descarta a possibilidade de inclinar-se a outros gêneros musicais apontando sua dificuldade em ouvir MPB. A letra de sua composição revela um forte vínculo afetivo ao lugar. São afetos do vento pantaneiro embebidos em um ato de profunda reflexão poética, aludindo o tempo e o acaso.

Antônio difere-se dos demais entrevistados pela maior renda mensal, porém, possui a mesma realidade quando lhe é perguntado sobre sua iniciação ao mercado de trabalho. Começou a trabalhar desde criança e tem uma rotina exaustiva. Migrou aos quatro anos de idade, sendo originário do oeste do estado de São Paulo. Filho de pai agricultor e mãe do lar, Antônio Alves, é o entrevistado que possui a maior casa dentro desse grupo do conjunto habitacional (com um quarto a mais: três) onde mora com a esposa e uma filha. Aos trinta e cinco anos é técnico de administração da UNICAMP e cursou até o ensino médio. Gosta do DIC 1 porque tem muitas escolas e é evangélico da Igreja Quadrangular.

Sua rotina diária está voltada para afazeres domésticos e o trabalho na Unicamp – está

alocado no setor de realização de eventos do ginásio. Leva a filha para a creche, vai para o trabalho e aos sábados, vez por outra joga futebol. Nos domingos participa pela manhã da escola bíblica, vai aos cultos na Igreja e assiste a televisão. Possui acesso a canais de TV a cabo e concentra seu lazer em ver programas educativos, noticiários, filmes e documentários. Todo domingo à tarde participa do coral da igreja e gosta de ler a bíblia. Seus programas musicais são de auditório, pelas rádios na Internet e cds no trabalho. Músicas restritamente evangélicas e um pouco de MPB.

“...eu gosto de assistir o National Geographic, gosto de assistir o Amazon. As vezes o Futura, algumas coisas assim que eles têm. Quando pega também os canais de outros países e tal, as vezes aparece alguma coisa interessante, alguma entrevista legendada. Mas também não abro mão dos meus canais abertos e não perco os noticiários das 20h...”

Assim, quando entrevistei dentro do grupo habitacional aqueles que eram religiosos pude perceber que suas atividades culturais, estão de modo significativo, voltadas à musicalidade, nos encontros de jovens, nos cultos ou na escola bíblica, e uma importante atividade: o grupo de canto coral. Todas as atividades são voltadas para a música.

Lívia acorda cedo. As 5 e 30 da manhã entrega-se a oração. Depois caminhada na companhia de uma amiga. Prepara o café da manhã. Orienta os filhos na lição de casa. Encaminha-os para a escola e segue para o trabalho. A noite conversa com a filha Indianara, prepara o jantar e monitora os cadernos dos filhos.

Sob um olhar superficial, Lívia parece uma pessoa sem muitos anseios, dedicada à família e com atividade cultural aparentemente nula. Não vê televisão nem ouve rádio, exceto, quando assiste ou ouve programas evangélicos. Seus finais de semana são preenchidos com passeios e atividades na igreja, da qual participa como professora na Escola dominical e no canto coral. Atualmente, sua relação com a música é restrita às práticas religiosas. Porém, conhece gêneros musicais tais como rock, funk, samba, música gospel, música popular, jazz e música orquestrada, sendo que este último, afirma ser a preferência musical de um de seus filhos.

Sua relação atual com a música restringe-se àquelas práticas ligadas a espiritualidade. No entanto a estruturação de suas preferências, destituídas de restrições impostas pela moralidade religiosa é bem mais ampla. Lívia aponta Tim Maia como um artista de que gostou no passado, mas que deixou de ouvi-lo por conta de sua espiritualidade. Comenta ainda que na juventude, enquanto residia com a família, que seu pai gostava muito de Tim e que era este seu artista preferido. Além de Tim Maia costumavam ouvir juntos Martinho da Vila, Milton Nascimento, Alcione, Beth Carvalho.

Embora possamos observar em Lívia uma clara e importante vivência proporcionada ao longo de seu desenvolvimento intelectual, seja com a aquisição de novos modelos de paradigmas (visando seu bem viver) ou, seja com as recusas impostas pelas derivas de valores morais enunciados.

Observaremos nesta jovem menina de quinze anos chamada Indianara, algo que poderá servir como modelo de memória para a nossa pesquisa. Isto porque verificarmos que nos demais entrevistados, todos reportavam a estruturação de suas preferências musicais à infância, esta jovem seria o passado daqueles que perderam há décadas o ponto crucial de uma evolução das escolhas e rejeições que os identificam no presente. Reportando-se a esta anamnese, em detrimento dos demais entrevistados, pode-se observar nessa garota o descompromisso, tal como uma febre intermitente. Contudo, é importante ressaltar que sua realidade não difere das demais famílias que tendem a uma necessidade de impor mudanças radicais em seus hábitos e costumes cotidianos, conjugando-os com seus juízos morais. Quando agregados aos discursos religiosos, os quais exercem grande influência no âmbito familiar e social, os valores morais enredam o indivíduo em um labirinto, deturpador das liberdades possíveis de seu intelecto, pondo em prova suas escolhas, reprimindo assim gostos e adesões (abandonado uma paixão: o rap).

Sua conversão ao protestantismo aconteceu quando tinha oito anos, um período precoce para o estabelecimento de um pertencimento religioso. A rejeição a seis afetos musicais só é possível dentro dessa tribo. Sua rotina é voltada para o louvor a Deus, especialmente nos finais de semana. Indianara pratica voleibol nas aulas de educação física duas vezes por semana. Quando indagada sobre o que compreende ao ouvir a palavra cultura, ela diz associa seu conceito de cultura à prática do esporte (novamente citando o voleibol) e o acesso à literatura. Outra atividade

cotidiana é a televisão, em especial os cultos religiosos transmitidos pelos canais abertos. Frequentemente se esforça para se manter informada assistindo telejornais de rede nacionais. Cita Elis Regina como um bom exemplo de música que se pode ouvir (fora da esfera da religiosidade). Acrescentou ainda que conheceu seus trabalhos através das pessoas que a rodeavam no seu dia-a-dia e que cantavam trechos das músicas. Mas insistentemente, retorna aos grupos musicais evangélicos citando grupos conhecidos nesse gênero: Diante do Trono e Oficina G3. Quando perguntada se gostava de algum grupo musical que jamais tivesse visto algum show, ela citou bandas de rock. Quando criança, ouvia muitas músicas de programas infantis. Sua mãe só escuta música evangélica mas Indianara afirmou que na sua infância, sua mãe só ouvia Tim Maia. Ainda hoje ela possui os discos. Seus avós só escutam pagode e música sertaneja. Praticou aulas de teclado por mais de seis meses, possui o instrumento em sua residência. Sua mãe hoje estuda teclado. Tem dois irmãos.

Citou cinco músicas favoritas: “Como nossos pais” de Elis Regina, Diante do trono “Eu nasci de novo”, Capital Inicial “Primeiros erros”, Titãs “Epitáfio”, Oficina G3 “Autor da vida”. Detesta músicas sem conteúdo “letras vazias” e cita grupos conhecidos como Harmonia do Samba, Kelly Key e Bonde do Tigrão. Quase todo mês vai ao cinema. E seus gêneros conhecidos são: rock, pop rock, pop romântico, funk, funk romântico, funk com mais batida, jazz, reggae, samba, pagode, e axé.

Com quarenta e nove anos, filha de cozinheira e relojoeiro-ourives, Margarida teve seu primeiro emprego aos dezoito anos. Montava componentes eletrônicos. Aos oito anos migrou de Campo Grande para Campinas. Desempregada na época da entrevista, Margarida avaliava como muito remota a possibilidade de se recolocar no mercado de trabalho de outra forma que não através do concurso público. Por isso sua rotina inclui a audiência diária de uma programação televisiva que se inicia às cinco e trinta da manhã. São aulas televisionadas – os “tele-cursos”. Estudar e procurar emprego são as atividades que tomam a maior parte do seu tempo

Seu caso é singular em vários aspectos. Mas aqui se deve ressaltar exatamente a espontaneidade do seu depoimento. A maneira como se expôs quase sem resistência, recuo ou reticências, contrastando com a maioria dos entrevistados que, na maioria das vezes, recorriam a subterfúgios para recusarem-se a dar seus depoimentos.

Mas Margarida não se diferencia dos demais casos exclusivamente por conta da espontaneidade da sua entrevista. O conteúdo nela contido é que, de fato, a torna um caso, mais do que particular. Ela tem os atributos que justificam integrá-la ao conjunto de casos excepcionais. Excepcional porque, mais do que qualquer outro caso, suas práticas efetivas e preferências manifestas expressam, o quão carregada de contradições é a sua posição no espaço social. Percebe-se como diferente e essa diferença é nomeada por ela “isolamento”. É bastante sintomático desta excepcionalidade – que ademais possuem justificativas objetivas na sua experiência de vida – o fato de ter sido ela a única moradora a, ao fornecer o endereço, informar que reside no bairro São Pedro de Viracopos, ao invés de DIC 1, como a totalidade dos demais entrevistados.

Viveu toda a infância e a adolescência à espera da mãe que a deixou aos cuidados dos tios. Foi uma adolescente triste e introvertida. Margarida menciona em sua entrevista que passou por uma fase em sua vida que considerava tão destituída de sentido que pensou que a única “solução” seria a concepção de um filho. O único evento capaz de conferir novamente sentido a sua vida. Nesse contexto, integrou uma sociedade esotérica denominada *Eubiose* – termo que significa “a arte de se cultivar o bom, o bem e o belo” - onde realizou um estudo comparado sobre as religiões, o que lhe rendeu algum conhecimento sobre a civilização grega e as mitologias greco-romanas, aprendeu noções de grego, latim, sânscrito e chinês.

Percebe-se nitidamente em suas reminiscências que herdou o interesse pela música da mãe, que segundo seu depoimento, ouvia música o tempo todo. Além disso, sua infância foi marcada pela música folk castelhana, a polca paraguaia, que é um gênero popular com uma musicalidade constituída de instrumentos eruditos tais como a harpa. Na adolescência, conheceu bossa nova e os sucessos da Jovem Guarda através dos programas de TV.

Seu universo de conhecimento musical está assim constituído: polca paraguaia, música sertaneja, jazz, blues, MPB, rock, samba, *world music*, *New Age*, “peças” clássicas, óperas, trilhas sonoras, músicas folclóricas. Suas preferências musicais são definidas com MPB em primeiro lugar. Cita Chico Buarque, Djvan, Milton Nascimento e Gilberto Gil como grandes poetas.

“ ... a música deles tem uma poesia sensacional, saem daquele lugar comum do ‘meu amor’, da ‘minha vida’ ”.

Afirma gostar de alguns compositores de rock nacional, como o Legião Urbana e outros que segundo suas perspectivas, estão sempre lançando um outro olhar, um olhar novo, um olhar do povo sobre nossa sociedade.

Suas recusas são outras fontes de interpretação do seu gosto. Tais rejeições recaem primeiramente sobre a música sertaneja atual, considerada por ela “apelativa” e “grotesca”, em contraste com uma certa música sertaneja “de raiz”. Tal informação foi obtida quando ela foi solicitada a comparar suas preferências com as de pessoas com quem convive. Verifica-se um outro tipo de diferenciação quando a comparação é com a vizinhança do condomínio. Aí, segundo Margarida, a música mais ouvida é a gospel ou evangélica. “Uma música que fala muito no negativo, que é o diabo”. Canções que seriam mensagens alertando quanto aos perigos das tentações e, por isso mesmo, “hiper-repetitivas”. No mesmo contexto – ou seja, no condomínio em que reside - Margarida encontra exemplos de pessoas com as quais partilha as mesmas preferências. Logo após fazer menção ao aborrecimento que a música religiosa de seu vizinho lhe provoca, evoca os “sambas deliciosos” de um outro vizinho.

Assim, só se pode interpretar o gosto descrito como acentuadamente contraditório. Sem respaldo nos capitais por ela acumulados e, portanto, sem conexão com um estilo de vida objetivamente referenciado em sua trajetória. Estaríamos diante de uma “mais do que boa vontade” cultural que se torna flagrante com sua resposta à questão sobre os artistas cuja coleção de obras gostaria de obter. Gostaria de possuir a obra completa de Wagner, Milton Nascimento e Dolores Duran, sendo que desta última, conhece apenas uma única canção. Seu gosto musical está no limite que define o que é o popular. É um gosto que é negação, vontade de não ser popular. Seus juízos estético-musicais relacionam-se muito mais a uma “vontade de beleza” do que a uma trajetória da história vivida, compondo um universo mais amplo, que não pode ser justificado apenas pela experiência.

Luiza é uma mulher de hábitos regulares. Toda a manhã costuma assistir o jornal antes de ir para o trabalho. Lê com regularidade alegando ser “viciada em leitura”. Nos finais de semana trabalha em casa, mas costuma gravar filmes de seu interesse exibidos durante a semana

para assisti-los no pouco tempo que lhe sobre aos sábados e domingos. Assiste em média quatro filmes por semana. Segue a programação da TV pela internet e não gosta de novelas e programas de auditório.

Margarida apresenta afinidades musicais com Luiza, sua irmã, que afirma gostar de MPB e rock. No entanto, apesar de compartilharem a mesma história familiar a segunda não menciona nada além de suas preferências pelos gêneros musicais citados. Luiza é mais jovem que Margarida e não vivenciou as mesmas afetividades musicais na infância. Era muito pequena quando residiam em Mato Grosso. Não experimentou a música Folc. Alega ter herdado seu apreço a MPB das primas (as irmãs viveram um longo período em ambientes diferentes), mas salienta que sua mãe gostava muito de música. Afirma ter sido sempre muito sensível com relação à música (diz que chorava muito ao ouvir certas canções que remetiam a memória da mãe). Compartilha com a irmã a mesma aversão aos gêneros gospel e sertanejo. Fizera referência aos gêneros sertanejo e pagode como escolhas preferenciais de seus filhos, lembrando que na escola, a professora surpreendeu-se com o conhecimento musical do menino. Ela atribui esse conhecimento, ao fato de que os filhos ouvem música, consigo às vezes.

João foi metalúrgico. Dono de lanchonete e banca de jornais e hoje, aposentado como autônomo, trabalha como motorista de transporte coletivo informal (Van). Tem casa própria, construída num terreno que herdou dos pais. Trabalha nove horas diárias e nos fins de semana faz programas domésticos com a família. Gosta de ler jornal. Alega "usar" o rádio enquanto trabalha. Na juventude foi músico de casas noturnas. Conhece os gêneros blues, jazz, samba, rock, mpb, axé, tango, rumba, rap e forró. Era baterista de uma banda da jovem guarda (cita Beatles e Rolling Stones) e tocou na noite até se casar. Toca violão, bateria e está aprendendo a tocar sanfona. Toca todos os instrumentos citados, de ouvido.

“Eu gosto de sanfona, gosto de teclado, gosto de tudo quanto é música, eu gosto de violino, gosto de pistão, gosto de sax. É uma pena que eu não posso ter acesso a essas coisa mas se eu pudesse eu vou te falar a verdade procê, eu viveria no meio disso, mas não posso.”

Seu João se arrisca a dizer que gosta tanto de música que encontra coisas boas em qualquer gênero:

“...Olha, a música no meu pensamento, no meu conceito ela é universal então eu gosto de tudo que é bom pra mim. Por exemplo, o ritmo que eu gosto mesmo, que eu gosto bastante é de samba. Gosto muito de samba. Adoro samba mas até no sertanejo você encontra coisa bonita. Gosto de moda de viola também, sou apaixonado por moda de viola se entendeu? ... Gosto do samba, até rap eu escuto, quando ele é bom, tem criatividade eu escuto...”.

Quando afirma que a música é universal, que gosta de tudo que é bom para si, nos remete a uma predisposição intrínseca a escolher as melodias, a sonoridade que lhe promovem a sensação de bem estar. A fruição estética, na descrição do músico nato, pode ser experimentada naqueles sons que denomina “bons”. Essa qualificação adotada por João percorre um amplo universo musical. Ele afirma que gosta de Iron Maiden, de Kiss, de Raul Seixas e Rita Lee, mas gosta mesmo é de samba porque está no sangue. Nesse aspecto, faz alusão a sua negritude. Critica o próprio samba quando se refere aos grupos consumistas disseminados pela mídia. Seus músicos preferidos são: Cartola, Germano Matias, Aaulfo Alves, Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, Exaltasamba, Art Popular, Dudu Nobre.

O terceiro subgrupo é constituído de pessoas avulsas e inicia-se com um jovem de dezesseis anos chamado Atílio. Nascido no interior da Bahia, na cidade de Bom Jesus da Lapa, aos cinco anos de idade viajou em companhia dos pais, que procuravam emprego, para Francisco da Rocha em São Paulo. Após a separação dos pais, mudou-se com a mãe e duas irmãs mais novas, há pouco mais de um ano para Campinas, no bairro Proferlube, nas proximidades no DIC 1. Estudante da oitava série do supletivo, numa escola pública estadual da comunidade, trabalha como ajudante de pedreiro, onde exerce a função de separador de rejuntas numa construção civil. Sua rotina diária consiste em trabalhar de segunda a sexta-feira das sete horas da manhã às dezessete horas, com direito à uma hora para o almoço. Aos sábados trabalha das sete às quinze horas. Quando retorna do trabalho só tem tempo para tomar banho. Às sete horas tem que estar na escola antes da sirene soar o início da aula. Após esse horário o portão de acesso à escola fica

fechado. Ao regressar para sua casa assiste televisão ou escuta rádio até pegar no sono. Aos domingos acorda um pouco mais tarde, entre nove e dez horas da manhã e passa até a hora do almoço conversando com suas irmãs e sua mãe. Frequentemente costuma fumar alguns cigarros com seus colegas, ouvir músicas e jogar basquete na quadra comunitária. Recentemente os vândalos fizeram com que ele e seus amigos improvisassem uma cesta de basquete na rua em que moram. Eles apelidam o jogo de basquete de *street*.

Sobre sua última audição, respondeu que ouviu a Ópera Ikis e me explicou que se tratava de uma banda na qual definia por uma “banda extrema”. Não compreendendo ainda do que se tratava a palavra *extrema* procurei induzi-lo a debater sobre essa definição.

“...ela faz uma voz assim, extrema, voz extrema é quando a mulher começa a gritar, cantar e gritar, ai depois ela acalma a voz e começa cantar normal...é um tipo de metal melódico misturado com uma voz da música trash. E extrema significa isso, ter uma voz mais agressiva.”

Ele relatou que comprou o cd numa loja de rock seguindo a indicação de um amigo. Perguntei também se ele adquire CDs em camelôs, mas o afirmou a impossibilidade desse estilo musical ser encontrado até mesmo nas lojas. Seus estilos musicais preferidos são: o rock internacional, *trash metal*, *heavy metal*, *black metal* e *new metal*. Quando criança, aos sete anos de idade, não costumava ouvir rock, até que um amigo seu lhe convidou para assisti uns clipes de bandas na televisão. Iron Maiden foi a sua primeira paixão. Cita algumas bandas de metal brasileiras que costuma ouvir: Claustrofobia, Metálica e Necropsya.

Detesta funk, rap e o pagode apesar de admitir que são ritmos bastante comuns no seu bairro. Os três ritmos citados, segundo Atílio influenciam muitas meninas do seu bairro para situações pejorativas. Poucas pessoas escutam rock no bairro. Ele cita nomes de três bandas do bairro que tocam no bar típico dos roqueiros: o bar do Ursão. São as bandas Microfobia, Defremi e o Senhor G.

Observando sua forte bandeira em prol do rock, propus a ele que se colocasse na posição

de um programador musical de rádio e me explicasse como faria essa programação. Sua resposta foi de tocar durante toda a programação os diversos estilos de rock in rol, (rock anos 60 a 80) e rock nacional como o cantor Raul Seixas. Na segunda situação, pedi para que me respondesse, caso ganhasse um sorteio para comprar e escolher diversos cds. Novamente cita bandas de rock como: Black Sabbath, Hot in Christ, Slipknot, AC DC e Guns N' Roses. *“Eu sou roqueiro mesmo!”*. Outra pergunta feita foi com relação a shows que ele tenha assistido e me citou vários que participou, como o festival de bandas de rock realizado na sua escola, lembrou de um show que foi em Salvador de uma banda chamada “Hed” dentre os realizados no bar do Ursão. Quanto aos shows que queria assistir, citou das bandas Slipknot, Anorexia Nervosa, Slayer e o Creator.

Apesar do grupo de roqueiro ser pequeno no bairro, ele afirma que tem o respeito da comunidade do bairro onde mora. Porém, percebe em alguns, certo tom de preconceito pela expressão transmitida através das suas camisas de bandas de rock, principalmente por parte dos que são de denominação religiosa. Afinal de contas muitas músicas que ele escuta chegam a louvar “satanás”. Sua mãe é evangélica, do mesmo modo que suas duas irmãs. Suas preferências musicais estão voltadas às músicas religiosas. No entanto elas não o incomodam pela sua opção e conseguem viver em harmonia.

Atílio detesta ler e não acessa com frequência a Internet.

“Não gosto de ler muito. Eu leio apenas a capa dos meus CD’s, as músicas em inglês e tento traduzir a maioria com meu dicionário de inglês...”

Seus gostos musicais se distanciam muito da próxima entrevistada. Isto porque ela apresenta uma predileção por um dos estilos musicais mais apreciados nas periferias. Ao me aproximar da casa de Ana, uma garota de quatorze anos. Pude ouvir através da porta o som da música que ecoava de dentro da casa. Escutei o seguinte refrão: “ainda gosto de você!” da banda Sorriso Maroto. Quando indaguei se ela possuía um CD dessa banda, ela respondeu que sim e que possuía ainda mais três CDs recentemente comprados em loja: do grupo Soweto, do cantor

Belo e dos Racionais. Quando tinha computador ela fazia cópias em casa dos CDs das amigas. Seu estilo musical preferido estava dividido entre o rap e o pagode. Ela reside em uma ocupação localizada na região do DIC 1, pobre e com infra-estrutura precária. Não existia pavimentação, nem rede de esgoto. Toda a rede elétrica daquela extensão era clandestina.

Ouvia com grande frequência a rádio Cidade e a Educadora FM. Ainda dialogando sobre as preferências musicais, ela me relatou conhecer – tanto pelas rádios como na televisão – algumas bandas de rock nacional e black que costumava escutar. Pedi para que me citasse alguns nomes dessas bandas que ela costumava ouvir ou assistir. Foram citadas apenas quatro bandas: “o grupo Legião Urbana, Marjory, Ênio e Charlie Brown”. Não recordava bem os nomes das músicas mas referia aos artistas cantando trechos de suas canções.

Natural de Campinas, filha de pais baianos, Ana toca repique na Fanfarra da escola municipal em que estuda há pouco mais de três anos. Desde criança se viu envolvida com instrumentos musicais e já tocou Lira e Caixa. Não gosta do gênero musical Axé e costuma se irritar com a sua irmã que possui uma vasta quantidade de cds pirateados de diversos grupos de axé music. Também têm certa antipatia pelo forró, xote e o rock internacional, este último por suas canções serem em inglês. Em uma experiência numa situação que a mencionei como programadora musical numa rádio “FM” solicitei que me descrevesse como seria sua programação diária a ser transmitida. Sua resposta foi direta: “pagode, muito pagode para o povo!”.

Retornando a uma circunstância de gosto musical adverso ao dela, perguntei se mais alguém da família diferenciava das suas preferências musicais. Ela cita seu pai que costuma ouvir rock internacional e o reggae citando a banda Scorpions e o cantor Bob Marley. Este mesmo estilo musical ela ouvia quando era criança além dos cds da Xuxa. Ana acrescenta ainda que se pudesse comprar mais cds seriam todos de pagode, fazendo referência aos grupos Sorriso Maroto e Boka Loka; e os cantores Belo (toda a sua discografia), Rodriguinho e Salgadinho. Sonha ainda em assistir ao show do Belo (seu cantor preferido) e que teve a oportunidade de comparecer num show realizado na pedreira, onde tocava música sertaneja e pagode, referindo sua ida por causa da presença do Rodriguinho que era líder do grupo Os Travessos. Depois disso relatou ter ido a um “showmício” sertanejo na comunidade em que vive (por ter sido gratuito) das duplas

sertanejas Teodoro e Sampaio e Rio Negro e Solimões. Assistiu também outro “showmício” na mesma região dos grupos de pagode SPC e Art Popular. Sua rotina semanal resume-se a ir à escola no período matutino, ensaios na Fanfarra duas vezes na semana pelo período vespertino, e fazer exercícios da escola em casa à noite. Por fim, assistir em família a novela das sete e o telejornal. Nos finais de semana, costuma ir à casa de amigas que moram na mesma rua.

Lucí Carmem, empregada doméstica, 27 anos, reside no Bairro Ouro Verde, no DIC 1. Ela me descreve, sobre sua rotina diária, que a mesma se inicia às seis e meia da manhã e se estende até por volta das quatro e meia da tarde. Abandonou os estudos na sexta série do ensino fundamental alegando que ao longo desses cinco anos já trabalhava como empregada doméstica. Encontrava grande dificuldade em conciliar seu trabalho com o horário dos estudos e por isso o abandono precoce dos estudos. Sem horário específico para sair do trabalho, me relata que escuta música desde a hora da chegada ao trabalho até a hora de sua saída. A última música que ela lembrava ter escutado foi da dupla sertaneja Zezé Di Camargo e Luciano: “*Te procurei pela casa*”.

Suas preferências musicais estão voltadas para a música sertaneja e a música romântica. Enquanto está trabalhando, ela usa um *walkman*. Sobre seus artistas preferidos, respondeu que gostava da Shakira, Laura Pausini e Sandy e Júnior.

Lucí deixa transparecer no decorrer da entrevista suas antipatias e as explicou sem a preocupação de assumir ser leiga sobre determinados assuntos. Em seu depoimento declara sentir antipatia pelo samba, o rap e o pagode. O primeiro ela não justificou. O segundo se dava pelas dezenas de gírias que se podia encontrar nas letras das músicas e o pagode pelo fato de considerar um ritmo muito repetitivo. Colocando-a em situações hipotéticas, como programadora musical de uma rádio FM. Em seguida como uma sorteada de uma promoção de loja cujo prêmio se dava na compra e escolha de dezenas de CDs e a terceira experiência se dava em ela escolher um ou dois determinados artistas onde teria toda a discografia completa do mesmo. No primeiro quesito, ela citou inicialmente diversos artistas de música sertaneja como: Leandro, Bruno e Marrone, Daniel, Rio Negro e Solimões e o Trio Parada Dura. Continuando ainda na primeira atividade, mencionou mais três artistas de música romântica: Laura Pausini, Shakira e Amado Batista. Para a segunda atividade foram repetidos os mesmos artistas citados na programação musical da rádio.

E por fim, na última parte do exercício, ela resumiu seus desejos referentes à discografia completa para os artistas sertanejos Leandro, Bruno e Marrone e Daniel.

Contudo, Lucí expressou seus desafetos a certos cantores românticos por não apresentarem essas mesmas características – “...a de que para ser um cantor romântico, sua maneira de expressão deveria ser romântica...”. Assiste pouca TV e se diverte durante a semana pela noite, indo a barzinhos que tenham karaokê. Nos finais de semana prefere trocar as “baladas” pela audiência de filmes em sua casa.

João tem 22 anos e reside no Conjunto Habitacional da UNICAMP, no DIC 1. (Não se trata do condomínio fechado no qual foram feitas outras entrevistas. A principal diferença entre este e o outro conjunto habitacional é que este é aberto e não existe controle de entrada e saída de pessoas). Está cursando Mecânica Geral e trabalha como metalúrgico. As suas preferências musicais estão direcionadas ao Rap, Black e MPB. Quando perguntei se alguma música o desagradava, ele me respondeu afirmando bruscamente com a cabeça: “...o forró!” . Escuta a Rádio 105 onde ouve muito samba durante a sua programação. Sua rotina semanal resume-se em trabalhar durante o dia e estudar à noite. Como folga aos sábados e domingos, busca aproveitar o máximo de tempo livre com a sua namorada indo a pizzarias, chopperias ou casas noturnas, onde há apresentação de shows de samba, rap ou black. No sábado sempre acorda mais tarde, assiste esporadicamente a um filme e vai para a casa de sua namorada no início da noite. No domingo pela manhã tem o compromisso de jogar futebol com amigos e depois volta para uma rotina mais caseira, permanecendo deitado em frente à televisão. Alcione seria o show que ele teria mais vontade de prestigiar. Desde criança já demonstrava simpatia pelo ritmo e som dos cavaquinhos, baterias e cuíca.

Requisitado a imaginar uma programação musical falava firmemente: “samba! ... também rola de tocar um Zeca Pagodinho, Revelação, Fundo de Quintal, Jorge Aragão, Bezerra da Silva, Racionais que é um rap, Consciência Humana que é rap também, e 100% Black que é internacional”. Quanto à aquisição de CDs, reagiu com os seguintes nomes: “Zeca Pagodinho, Racionais, fundo de Quintal”.

Manoel, 28 anos, morador do Bairro Proferlube, nasceu em Boa Esperança, estado do Paraná. Juntamente com João, participa de um time de funcionários da UNICAMP criado para

competir em um campeonato interno de futebol, organizado pelos alunos da instituição. Por ser uma equipe mesclada, conta na sua composição com vários membros moradores da região do DIC 1. Porteiro em uma escola do bairro, cursa a quarta série do ensino fundamental – supletivo – na mesma instituição. Mora com os pais e tem uma companheira. No entanto, devido às suas condições financeiras a sua parceira encontra-se residindo na casa da sua mãe. Tem dois irmãos mais novos um de 25 e uma de 21. Enquanto conversávamos me contava que a última música que ouviu foi pouco tempo antes de eu chegar para entrevistá-lo. Ouvia Zezé Di Camargo e Luciano, gênero que ele gosta de ouvir, mas apenas quando permanece em casa. Apesar de gostar da música sertaneja admite não gostar do estilo da dupla Bruno e Marrone.

Fiz as mesmas perguntas hipotéticas que fiz aos demais entrevistados. O Rap, o Pagode e o Sertanejo seriam as primeiras nas paradas do seu rádio. E compraria apenas os trabalhos completos da banda Legião Urbana, Martinho da Vila e dos Racionais. Citou para mim algumas músicas prediletas como as do grupo Racionais: “eu gosto do Homem na Estrada e Final de Semana no Parque” e da Banda Legião Urbana as seguintes músicas: “Faroeste Caboclo e Pais e Filhos”. Jamais assistiu a um show dessas bandas e o máximo que viu foi um “showmício” no seu bairro do grupo de pagode Só Para Contrariar. Participou também de um show folclórico na cidade de Sumaré – SP.

Seu fim de semana resume-se em ir a um barzinho ou ir à casa de algum amigo para conversar. Costuma ficar cuidando das crianças e assistir bastante televisão para ver os programas jornalísticos, programas de auditórios humorísticos e os esportivos. Além de filmes. É militante de uma organização de ocupação de terrenos, cujo grupo é formado por cerca de trezentas famílias.

Ângela tem 17 anos e é natural da Paraíba. Estudou até a oitava série do ensino fundamental. Mora com o irmão que é carpinteiro, uma vez que os pais permaneceram na Paraíba. Alega gostar dos pais, mas não se habitua a morar com eles. Em Campinas, morou na favela (Rosalina) com o irmão, onde residiam muitas pessoas da Paraíba. Porém não gostava do local porque todos permaneciam por muito tempo trancados em casa. Agora reside num bairro onde tem amigos e costuma sair para dançar nos finais de semana. Costuma freqüentar bares com música ao vivo, onde ouve música sertaneja, forró e axé.

Quando residia na Paraíba costumava ouvir axé e forró. Mas agora no estado de São Paulo, ouve música sertaneja. Diz que já conhecia a música sertaneja desde criança, porque a mãe costumava ouvi-las, bem como serestas e canções da jovem guarda. Seus artistas sertanejos preferidos são Bruno e Marrone, Edson e Hudson, Zezé di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó e Pedro e Tiago. Os gêneros musicais que conhece são Rap, Black Music, Seresta, Pagode, Jovem guarda e Sertanejo.

Ângela ouve pouco rádio, costuma comprar CDs no camelô. Gosta de passear no final de semana com o namorado. Costumar ir a praças da cidade para tomar sorvete.

Sua programação televisiva restringe-se às novelas. Costumar alugar muitos filmes, sendo seus preferidos os pornô e filmes de terror. Não gosta de ir ao cinema porque se sente mais à vontade em casa e não consegue entender os filmes com muita gente por perto. Gostaria de assistir o show do Bruno e Marrone. Alega se sentir mais feliz quando ouve música sertaneja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo social que foi objeto da investigação aqui relatada caracteriza-se, no que diz respeito, às preferências musicais nele observáveis, sobretudo por um uso extremamente sincrético dos gêneros e estilos musicais. Estilos, que em outros espaços culturais seriam tidos por incompatíveis coexistem ali, senão de forma harmoniosa, ao menos, sob uma tensão dissimulada. Os gêneros são usados, cada um a seu tempo, em quase todos os lugares. São poucos os espaços exclusivos. Um bar somente de rock, por exemplo. A regra são os espaços e as utilizações nas quais os sujeitos consomem e usufruem alternadamente de estilos musicais como música eletrônica, funk, pagode e rap.

Os mesmos indivíduos circulam tanto pelos espaços em que a música sertaneja é predominante quanto por aqueles onde o pagode prevalece. Mas como em qualquer espaço social os sujeitos estão caracterizados pelos seus pertencimentos e pelas identificações que realizam. E isto se reflete nas escolhas que fazem. É assim que o pertencimento religioso parece ser uma fonte importante de proscições de determinados tipos de música. Inversamente o sexo dos entrevistados parece ter pouca determinação sobre seus gostos.

Nos ambientes freqüentados e nas conversas em geral, chamou a atenção a freqüência com que ouvi expressões similares a “gosto de tudo” ou “sou eclético”. Foram muitas as situações em que tive que estimular meus interlocutores a definir um repertório de preferências e um outro de recusas. Foi bastante comum a reação de se definir como “neutro” ou como portador de um gosto universal que a tudo abrange e nada exclui. Os exemplos que eu mencionava estimulavam o “posicionamento” das pessoas.

Mas não se trata de questão meramente retórica. Espaços e situações organizados em torno de combinações musicais bastante inclusivas não são raros. Muito no início da minha pesquisa de campo fui a uma festa de *halloween* em uma escola pública cujo repertório incluiu diferentes ritmos do que se convencionou chamar “música eletrônica”, axé e hip-hop. Um dos

últimos “eventos” a que fui – um baile muito concorrido pelos jovens na faixa de 16 a 24 anos – foi animado por uma seqüência de techno, funk, pagode e hip-hop.

Muitos bares têm máquinas que tocam músicas alimentadas por fichas. Aí também é constante a mistura de gêneros. É comum um mesmo freqüentador escolher canções tão distintas quanto sertanejas e rap. Indago-me se não estamos diante de um *omnivore* invertido. Invertido porque localizado no espaço social oposto ao que a teoria prevê como sendo o de sua ocorrência.

Penso que é uma questão interessante de se indagar até que ponto ecletismo pode ser compreendido como tolerância. Escolher implica em recusar determinados objetos, e esta recusa de um objeto é também uma forma de exclusão social. O ecletismo dito e vivenciado na esfera das preferências musicais pode ser a expressão de uma forma de tolerância específica de setores sociais excluídos e marginalizados. Recorro a uma idéia de Marilena Chauí: os oprimidos lutam contra a opressão.

(...) Mas é preciso não perder de vista o outro registro do significado da luta, pois é uma luta contra a opressão, uma luta que exprime um único desejo e pelo qual o oprimido se diferencia radicalmente do opressor: o desejo de não opressão. (Chauí, 1979).

Mas pode ser também um dos resultados da imposição de fórmulas comuns a gêneros singulares que, com esta operação, têm sua especificidade comprometida. Parte das distinções entre gêneros originariamente bastante díspares são diluídas. Por um lado há o crescente predomínio de temas românticos nos mais variados estilos, de outro, a incorporação de guitarras elétricas, teclados e baterias nos arranjos de gêneros diversos. (Zan, 1995) Este último movimento gera uma espécie de aproximação acústica dos gêneros. O primeiro corresponde ao papel de destaque conferido ao melodramático em parte significativa dos bens que participam do que poderia ser qualificado “culturas massivas”. Caberia aqui recordar a reflexão de José de Souza Martins a respeito do processo através do qual a música sertaneja se diferencia, em definitivo, da música e do universo caipira. Processos de limpeza, de despoluição e espoliação. “Despoja [uma fração de classe] dos elementos identificadores contidos nessa modalidade de música, para nela incorporar os valores e concepções nítidos de uma classe ajustada: a “classe” média”.

A adoção dos processos industriais na produção de bens culturais e seu consumo em escala massiva enfraqueceu, acredito o vínculo de muitos gêneros musicais com classes e frações de classes sociais, tornando este elo muito mais mediado.

Mas se há um nítido movimento em direção à aproximação de estilos musicais distintos – nos discursos e nas práticas -, há, nos usos que deles se faz, um movimento contrário. DANÇA (FORRÓ, SERTANEJO) E CONTRADANÇA (PAGODE).

Freqüentei a região onde realizei a pesquisa entre agosto de 2003 e fevereiro de 2006. Estive ausente entre o final do ano de 2004 e julho de 2005. Conhecia, então, pouco a cidade e completamente aquela região. Mas se posso falar de um estranhamento geográfico absoluto, não seria correto dizer o mesmo do estranhamento sociológico. A paisagem, alguns comportamentos e ambientes, se não me eram plenamente familiares, não surgiam para mim como a descoberta de um universo inusitado. Entrevistei mais negros e negras do que brancos e brancas. Minha sugestão é que algum processo de identificação de base étnica tenha promovido essa maior aproximação entre investigador negro e sujeitos pesquisados também negros – o cabelo seguindo o padrão “rastafari” deve ter contribuído. Não se trata, contudo, de diferença significativa, em termos numéricos, já que percebi a discrepância a tempo.

Somente os sujeitos que participam plenamente destes outros espaços e têm a pretensão de deles se tornarem membros é que manifestam plenamente suas desaprovações, suas rejeições. Verifica-se aqui um comportamento comparável ao descrito por Bourdieu como “*boa vontade cultural*”, mas deslocado sociologicamente, já que este é um comportamento típico da pequena burguesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Idéias para uma Sociologia da Música**. Os Pensadores: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. São Paulo, Editora Abril, 1980.

_____. **O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição**. Os Pensadores: Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas. São Paulo, Editora Abril, 1980.

_____. **Sobre música popular**. Coleção Grandes Cientistas Sociais: Adorno (org. Gabriel Cohn) São Paulo, Editora Ática, 1986.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução. In: VELHO, Gilberto (Org.), **Sociologia da Arte**. Volume 4. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

BACCEGA, Maria A. **Comunicação e Linguagem**. Discursos e Ciência. São Paulo, Moderna, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo / Brasília: HUCITEC / Ed. UnB, 1993.

BERGER, P. **Perspectivas Sociológicas**. São Paulo: Círculo do Livro, 1976 (Edição original americana, 1963).

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. **La Distincion – Criterios y Bases Sociales del gusto**. Madri: Taurus, 1988.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BRYSON, B. What about the univoures? Musical dislikes and groups-based identity. Construction among americans with low levels of education. **Poetics**, 25, 1997.

CAIADO, Maria C. S. O Padrão de Urbanização Brasileiro e a Segregação Espacial da População na Região de Campinas. In: **Anais XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**,

CALDEIRA, T. P. R. **A Política dos Outros**. São Paulo, Brasiliense. 1984

_____. Uma Incursão Pelo Lado “Não-Respeitável” da Pesquisa de Campo. **Ciências Sociais Hoje**. n. 1 ANPOCS / CNPq. Brasília, 1981

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

_____. **Culturas Híbridas**. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1997.

CASTRO, E. V.; ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, G. (org.) **Arte e Sociedade**: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Petrópolis, Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Conformismo e Resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Literatura e Vida Nacional**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

COULANGEON, P. La stratification sociale des goûts musicaux, In: **Revue Française de Sociologie**, 44-1 janvier-mars 2003.

DONNAT, Olivier. **Lês Français face à la culture: de l'exclusion à l'ecletisme**. Paris: Edition La Découverte, 1994.

DUMONT, L. **Homo Hierarchicus**: O Sistema de Casta e suas Implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993.

ELIAS, N. Mudanças na Balança Nós-Eu (1987). In: **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus**. São Paulo, Editora Ensaio, 1994.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG / Humanitas.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura**: Aspectos da Vida Cultural da Classe Trabalhadora (vols. 1 e 2). Lisboa, Editorial Presença, 1973.

JACKS, Nilda e ROSINI, Veneza M. Mediação na Recepção: estudo comparativo entre receptor urbano e rural. In: BRAGA, José Luís *et all* (Orgs). **A Encenação dos Sentidos**: Mídia, Cultura e Política .Rio de Janeiro, Diadorim Editora, 1995.

KAPLAN, E. Ann et alli. **O Mal-Estar no Pós Modernismo**: Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

LAZARFELD, Paul F. e MERTON, Robert K..Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1987.

LEFEBVRE, H. **A Vida Cotidiana no mundo moderno**. São Paulo. Ática, 1991

LOPES, Maria. Recepção dos meios, classes, poder e estrutura. In: **Comunicação & Sociedade**, Ano XIII, n. 23, Junho, 1995.

MACCIOCCHI, Maria-Antonieta. **A favor de Gramsci**. São Paulo: Paz e Terra, 1977

MAGNANI, J. G. C. Os Circuitos dos jovens urbanos, **Tempo Social, revista de Sociologia da USP**, São Paulo. vol. 17 n. 2, 2005

_____. **Festa no Pedço: Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo. Brasiliense, 1984

_____. Cultura popular: controvérsias e perspectivas, **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 12, 1981.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações**: comunicação cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001..

MARTINS, J. S. **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo. Hucitec, 2000

_____. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo. Papius, 1997

_____. Música Sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. In: **Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo, Pioneira, 1975.

MICELI, Sérgio. **A Noite da Madrinha**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MORIN, E. A Noção de Sujeito. In: **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul LTDA, 1997.

NAVES, Santuza C.. **O Violão Azul: Modernismo e Música Popular**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. Da Bossa Nova à Tropicália: contenção e excesso na música popular. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15 , n.43, p.35- 44, jun.2000.

O'DOUGHERTY, M. Auto-retratos da classe média: hierarquias de “cultura” e consumo em São Paulo. In: **Dados – Revista de Ciências Sociais**, v. 41, n. 2, 1998.

OLIVEIRA, Antonio B. Espaço Intra-Urbano em Campinas. Trabalho apresentado no **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Ouro Preto, 2002.

ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1996.

PETERSON, R. Understanding Audience Segmentation: from elite and mass to omnivore and univore. **Poetics** 21 (1992) 243-258 North- Holland Elsevier Science Publishers B. V.

PUTERMAN, Paulo. **Indústria Cultural: A agonia de um conceito**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1994.

SIMMEL, G. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, O. G. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. (primeira edição: 1902).

TINHORÃO, José R. **Cultura Popular: Temas e Questões**, São Paulo: Ed. 34, 2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa**. Petrópolis, Editora Vozes, 1995.

TRIGUEIRO, Oswaldo. A TV Globo em duas comunidades rurais na Paraíba: Um estudo de audiência. In: BRAGA, José Luís *et all* (Orgs). **A Encenação dos Sentidos: Mídia, Cultura e Política**. Rio de Janeiro, Diadorim Editora, 1995.

VALLE, E, QUEIROZ, J. J. **A Cultura do Povo**, São Paulo: Cortez & Moraes : EDUC, 1979.

VILAS BÔAS, Gláucia. Recepção, Cultura e Público. In: VILAS BÔAS, Gláucia e GONÇALVES, Marco Antônio (Orgs). **O Brasil na Virada do Século**: o debate dos cientistas sociais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cultura e Sociedade (1780-1950)**. São Paulo: Nacional, 1969.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1992.

ZAN, J. R. Da Roça a Nashville., In: **Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**. n° 1. Campinas, 1995.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO APLICADO

QUESTIONÁRIO SOBRE GOSTOS MUSICAIS

1. Sexo (**NÃO PERGUNTAR**)

1. homem
2. mulher

2. Qual é a sua idade? _____

3. Quando se fala de raça qual você considera que é a sua? (**LER OPÇÕES**)

1. Branco
2. Negro
3. Pardo
4. Amarelo
5. Indígena
6. Outro (**anotar**) _____

4. Até que série da escola você estudou? (**NÃO LER AS OPÇÕES DE RESPOSTA**)

- a. Primeiro grau, 1^a a 4^a série incompleto
- b. Primeiro grau, 1^a a 4^a série completo
- c. Primeiro grau, 5^a a 8^a série incompleto
- d. Primeiro grau, 5^a a 8^a série completo
- e. 2^o grau incompleto
- f. 2^o grau completo
- g. Superior incompleto
- h. Superior completo Que curso? _____
- i. Pós-graduação lato senso Que curso? _____
- j. Pós-graduação – Mestrado. Que curso? _____
- k. Pós-graduação – Doutorado. Que curso? _____
- l. Não estudou
77. NR
99. NS

5. Você tem esposo(a) ou companheiro(a)?

1. Sim
2. Não
77. NR
99. NS

6. Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

7. Por favor, pode me dizer qual foi a renda mensal **total da sua família**, somando todos os rendimentos, salários, bicos, aluguéis, etc. no último mês? (**MOSTRAR CARTÃO**)

1. Até 1 SM - **até R\$ 260,00**

2. Mais de 1 SM até 2 SM, **R\$ 261,00 até R\$ 520,00**

3. Mais de 2 SM até 3 SM, **R\$521,00 até R\$ 780,00**

4. Mais de 3 SM até 5 SM, **R\$ 781,00 até R\$ 1.300,00**

5. Mais de 5 SM até 10 SM, **R\$ 1.301,00 até R\$ 2.600,00**

6. Mais de 10 SM até 20 SM, **R\$ 2.601,00 até R\$ 5.200,00**

7. Mais de 20 SM, **mais de R\$ 5.201,00**

77. NR

99. NS

8. Qual é a sua ocupação principal?

Atividade _____

Setor/ramo _____

9.. Nessa ocupação, você é:

	SIM	NÃO	NR	NA	NS
1. Empregado,	1	2	7	8	9
2. Empregador,	1	2	7	8	9
3. Autônomo/ Consultor,	1	2	7	8	9
4. Ajudante / estagiário / bolsista (remunerados)	1	2	7	8	9
5. Bico/ Free lance/ temporário,	1	2	7	8	9
6. Outro _____					

10. Quantas horas trabalha por dia? _____

11. Você também estuda?

1. Sim

2. Não (**PULE PARA 13**)

12. Quantas horas estuda por dia? _____

13. Quanto tempo gasta se locomovendo para essas atividades? _____

14. Com que frequência você realiza as seguintes atividades? (MOSTRAR CARTÃO)

	Diariamente	Várias X semana	Poucas X semana	Várias X mês	Poucas X Mês	Quase nunca	Nunca
a. Assiste TV	1	2	3	4	5	6	7
Quantas horas por dia?	(Perguntar só para diariamente)						
b. Vai ao Cinema	1	2	3	4	5	6	7
c. Vai ao Teatro	1	2	3	4	5	6	7
d. Vai a Bares e Lanchonetes	1	2	3	4	5	6	7
e. Vai a Shows	1	2	3	4	5	6	7
f. Pratica Esportes	1	2	3	4	5	6	7
g. Pratica Jogos	1	2	3	4	5	6	7
h. Visita Parentes / Amigos	1	2	3	4	5	6	7
i. Lê Livros ou Revistas	1	2	3	4	5	6	7

15. Você frequenta alguma igreja, culto ou seita religiosa regularmente?

1. Sim. Qual? _____

a. Com que frequência você participa?

1. Diariamente a. Uma vez por dia () b. Várias vezes por dia ()

2. _____ vezes por semana

3. _____ vezes por mês

b. E por quanto tempo você permanece lá por vez? _____

2. Não

16. Há alguma seita ou igreja que você frequente mesmo que seja só de vez em quando?

1. Sim. Qual? _____

2. Não

17. Você participa de associações profissionais?

1. Sim. Qual? _____

2. Não

18. Entidades para defender interesses do bairro?

1. Sim. Qual? _____
2. Não

19. Outras entidades que defendem interesses de grupos específicos?

1. Sim. Qual? _____
2. Não

20. Você freqüenta com regularidade espaços utilizados como sede de grupos que realizam trabalhos artísticos, de preservação cultural ou folclóricos?

1. Sim. Qual? _____
2. Não

21. Com que freqüência você ouve música? **(MOSTRAR CARTÃO)**

1. Diariamente. Quantas horas? _____
2. Várias vezes por semana
 1. Poucas vezes por semana
 2. Várias vezes por mês
 3. Poucas vezes por mês
 4. Quase nunca
 5. Nunca

22. Geralmente, em quais destas situações ou ocasiões você ouve música com maior freqüência? E destas situações em qual você ouve em 1º, 2º, 3º, 4º, até ... **(RESPOSTA MÚLTIPLA – ORDENAR APENAS AS QUE ELES RESPONDEREM) CARTÃO**

- () a. Em casa sozinho
- () b. Em casa acompanhado
- () c. Em festas ou reuniões na casa de parentes ou pessoas conhecidas
- () d. No trabalho
- () e. Na escola
- () f. No trânsito
- () g. Na igreja
- () f. Em casa noturna
- () g. Em bar
- () h. Em festas ou bailes

23. Você ouve com **maior frequência** músicas tocadas em? **LER (Resposta única)**

1. Toca fitas
2. Aparelho de CD
3. Toca discos (vinil)
4. Rádio
5. Computador
6. Vídeo
7. DVD

24. Na maioria das vezes você ouve músicas escolhidas por você?

1. Sim
2. Não

25. Quais são as 3 emissoras de rádio que você ouve com mais frequência?

1. Cidade
2. 105 Fm
3. Laser
4. Educadora
5. CBN
6. Nova Brasil
7. Antena 1
8. Jovem Pan
9. Morena Aleluia
10. 89 FM
11. Vox 90
12. Notícia
13. Band
14. Transa Hits
15. Planalto / Aleluia

16. Mix
17. Clip
18. Central
19. Globo
20. Bandeirantes
21. Jequitibá
22. Brasil / Jovem pan
23. Nova Sumaré
24. Outras:
 - a. FM _____
 - FM _____
 - b. AM _____
 - AM _____

25. não ouve rádio

26. Os tipos de música que você costuma ouvir são também apreciados por:
(RESPOSTA MÚLTIPLA -CARTÃO)

1. Pessoas que moram com você
2. Namorado / namorada
3. Seus vizinhos
4. Seus amigos mais próximos
5. Seus colegas de trabalho
6. Seus colegas de escola

27. Os tipos de música que você **NÃO** gosta são em geral apreciados por (**RESPOSTA MÚLTIPLA -CARTÃO**)

1. Pessoas que moram com você
2. Namorado / namorada
3. Seus vizinhos
4. Seus amigos mais próximos
5. Seus colegas de trabalho
6. Seus colegas de escola

28. Qual a quantidade total dos seguintes aparelhos existem na sua casa? (**LER**)

1. Aparelhos de som com 3 funções _____
2. Apenas toca fitas _____
3. Apenas aparelhos de CD _____
4. Apenas rádios _____
5. Videocassete _____
6. Aparelhos de TV _____
7. Aparelhos DVD _____

29. Há quanto tempo você comprou, para você mesmo CD, fita, DVD ou disco pela última vez?

1. Na última semana
2. No último mês
3. Nos últimos seis meses
4. No último ano
5. Há mais de um ano
6. Nunca comprou (**pula para a pergunta 33**)

30. Com que frequência você costuma comprar pra você CD, fita, DVD ou disco?

1. Mais de uma vez por semana
2. Semanalmente
3. Mais de uma vez por mês
4. Alguma vez ao ano
5. Raramente
6. Nunca compra (**pula para pergunta 33**)

31. Em que tipo de estabelecimento você costuma comprar:

1. Lojas de discos
2. Supermercado/Lojas de departamento
3. Camelôs
4. Outros: _____

32. Na hora de comprar CDs, fitas, DVDs ou discos, quais destes fatores pesam na sua decisão em 1º, 2º, 3º, 4º, até o último lugar? (**CARTÃO**)

- () a. Gostar do cantor/banda/grupo
- () b. Gostar de uma música específica
- () c. Gostar do gênero
- () d. O preço (promoção ou estar barato)
- () e. A música tocar no rádio/televisão
- () f. Recomendação de amigos
- () g. Ter assistido show ao vivo

33. QUAIS SÃO OS TIPOS DE MÚSICA QUE VOCÊ GOSTA? (**ESPECIFICAR**)

34. QUAIS SÃO OS TIPOS DE MÚSICA QUE VOCÊ **NÃO** GOSTA? (**ESPECIFICAR**)

35. INDEPENDENTEMENTE DAS SUAS PREFERÊNCIAS QUAIS DESTES TIPOS DE MÚSICA VOCÊ COSTUMA OUVIR COM MAIS FREQUÊNCIA? (**MOSTRAR CARTÃO**)

36. INDEPENDENTEMENTE DAS SUAS PREFERÊNCIAS QUAIS DESTES TIPOS DE MÚSICA VOCÊ COSTUMA OUVIR COM MENOS FREQUÊNCIA? (**MOSTRAR CARTÃO**)

Nome: _____

Endereço: _____

_____ Bairro: _____

Telefone: _____

Agradeça e encerre

APÊNDICE B

VARIÁVEIS SÓCIO-ECONÔMICAS E PREFERÊNCIA MUSICAL

Sexo * Preferências recodificadas Crosstabulation

			Preferências recodificadas												Total	
			Axé	Evangélica /religiosa	Eletrônica/p op/pop-rock	Sertaneja	Tudo	Rock	Pagode	Samba	Rap	Caipira	Outras	MPB/Bossa Nova/Chorinho		Romântica
Sexo	Homem	Count	2	8	13	31	3	12	9	9	17	2	3	8	3	120
		% within Sexo	1,7%	6,7%	10,8%	25,8%	2,5%	10,0%	7,5%	7,5%	14,2%	1,7%	2,5%	6,7%	2,5%	100,0%
	Mulher	Count	5	16	9	29	4	5	10	9	8	2	5	8	6	116
		% within Sexo	4,3%	13,8%	7,8%	25,0%	3,4%	4,3%	8,6%	7,8%	6,9%	1,7%	4,3%	6,9%	5,2%	100,0%
Total		Count	7	24	22	60	7	17	19	18	25	4	8	16	9	236
		% within Sexo	3,0%	10,2%	9,3%	25,4%	3,0%	7,2%	8,1%	7,6%	10,6%	1,7%	3,4%	6,8%	3,8%	100,0%

faixas de idade * Preferências recodificadas Crosstabulation

			Preferências recodificadas												Total	
			Axé	Evangélica /religiosa	Eletrônica/p op/pop-rock	Sertaneja	Tudo	Rock	Pagode	Samba	Rap	Caipira	Outras	MPB/Bossa Nova/Chorinho		Romântica
faixas de idade	14 - 18	Count	5	1	9	1		9	7	2	10		1	2	2	49
		% within faixas de idade	10,2%	2,0%	18,4%	2,0%		18,4%	14,3%	4,1%	20,4%		2,0%	4,1%	4,1%	100,0%
	19 - 25	Count	2	5	8	5	3	6	4	5	8			3	1	50
		% within faixas de idade	4,0%	10,0%	16,0%	10,0%	6,0%	12,0%	8,0%	10,0%	16,0%			6,0%	2,0%	100,0%
	26 - 35	Count		2	5	10	1	2	5	5	5	1	3	4	1	44
		% within faixas de idade		4,5%	11,4%	22,7%	2,3%	4,5%	11,4%	11,4%	11,4%	2,3%	6,8%	9,1%	2,3%	100,0%
	36 - 55	Count		12		32	2		3	4	2	1	3	6	5	70
		% within faixas de idade		17,1%		45,7%	2,9%		4,3%	5,7%	2,9%	1,4%	4,3%	8,6%	7,1%	100,0%
	+ de 55	Count		4		12	1			2		2	1	1		23
		% within faixas de idade		17,4%		52,2%	4,3%			8,7%		8,7%	4,3%	4,3%		100,0%
Total		Count	7	24	22	60	7	17	19	18	25	4	8	16	9	236
		% within faixas de idade	3,0%	10,2%	9,3%	25,4%	3,0%	7,2%	8,1%	7,6%	10,6%	1,7%	3,4%	6,8%	3,8%	100,0%

raça * Preferências recodificadas Crosstabulation

			Preferências recodificadas													Total
			Axé	Evangélica /religiosa	Eletrônica/p op/pop-rock	Sertaneja	Tudo	Rock	Pagode	Samba	Rap	Caipira	Outras	MPB/Bossa Nova/Chori no	Romântica	
raça	branco	Count	3	9	7	30	3	10	6	3	5	2	6	7	4	95
		% within raça	3,2%	9,5%	7,4%	31,6%	3,2%	10,5%	6,3%	3,2%	5,3%	2,1%	6,3%	7,4%	4,2%	100,0%
	negro	Count	1	6	6	5	1	4	6	11	15	2	2	7	2	68
		% within raça	1,5%	8,8%	8,8%	7,4%	1,5%	5,9%	8,8%	16,2%	22,1%	2,9%	2,9%	10,3%	2,9%	100,0%
	pardo	Count	2	6	7	16	3	3	6	4	3			2	2	54
		% within raça	3,7%	11,1%	13,0%	29,6%	5,6%	5,6%	11,1%	7,4%	5,6%			3,7%	3,7%	100,0%
	outros	Count	1	3	2	9			1		2					18
		% within raça	5,6%	16,7%	11,1%	50,0%			5,6%		11,1%					100,0%
Total		Count	7	24	22	60	7	17	19	18	25	4	8	16	8	235
		% within raça	3,0%	10,2%	9,4%	25,5%	3,0%	7,2%	8,1%	7,7%	10,6%	1,7%	3,4%	6,8%	3,4%	100,0%

Até que série da escola você estudou? * Preferências recodificadas Crosstabulation

			Preferências recodificadas													Total
			Axé	Evangélica /religiosa	Eletrônica/p op/pop-rock	Sertaneja	Tudo	Rock	Pagode	Samba	Rap	Caipira	Outras	MPB/Bossa Nova/Chori no	Romântica	
Até que série da escola você estudou?	Ensino Fundamental (Completo / Incompleto)	Count	3	15	8	42	4	5	3	8	10	4	4	6	6	118
		% within Até que série da escola você estudou?	2,5%	12,7%	6,8%	35,6%	3,4%	4,2%	2,5%	6,8%	8,5%	3,4%	3,4%	5,1%	5,1%	100,0%
	Ensino Médio (Completo / Incompleto)	Count	4	8	12	17	3	10	16	9	14		3	7	3	106
		% within Até que série da escola você estudou?	3,8%	7,5%	11,3%	16,0%	2,8%	9,4%	15,1%	8,5%	13,2%		2,8%	6,6%	2,8%	100,0%
	Ensino Superior (Completo / Incompleto)	Count		1	2			2		1	1		1	3		11
		% within Até que série da escola você estudou?		9,1%	18,2%			18,2%		9,1%	9,1%		9,1%	27,3%		100,0%
	Não estudou	Count				1										1
		% within Até que série da escola você estudou?				100,0%										100,0%
Total		Count	7	24	22	60	7	17	19	18	25	4	8	16	9	236
		% within Até que série da escola você estudou?	3,0%	10,2%	9,3%	25,4%	3,0%	7,2%	8,1%	7,6%	10,6%	1,7%	3,4%	6,8%	3,8%	100,0%

Renda Familiar * Preferências recodificadas Crosstabulation

			Preferências recodificadas												Total		
			Axé	Evangélica /religiosa	Eletrônica/p op/pop-rock	Sertaneja	Tudo	Rock	Pagode	Samba	Rap	Caipira	Outras	MPB/Bossa Nova/Chorinho		Romântica	
Renda Familiar	Até 1 SM - até R\$260,00	Count		1		2	1					1	2	1			8
		% within Renda Familiar		12,5%		25,0%	12,5%					12,5%	25,0%	12,5%			100,0%
	Mais de 1 SM até 2 SM, R\$ 261,00 até R\$520,00	Count	3	6	6	8		3	3	3	2	1				2	37
		% within Renda Familiar	8,1%	16,2%	16,2%	21,6%		8,1%	8,1%	8,1%	5,4%	2,7%				5,4%	100,0%
	Mais de 2 SM até 3 SM, R\$521,00 até R\$780,00	Count	3	6	3	12	1	3	4	2	3		3	4	1	1	45
		% within Renda Familiar	6,7%	13,3%	6,7%	26,7%	2,2%	6,7%	8,9%	4,4%	6,7%		6,7%	8,9%	2,2%	2,2%	100,0%
	Mais de 3 SM até 5 SM, R\$781,00 até R\$1.300,00	Count		9	5	14		4	8	8	8	1		6	5	5	68
		% within Renda Familiar		13,2%	7,4%	20,6%		5,9%	11,8%	11,8%	11,8%	1,5%		8,8%	7,4%	7,4%	100,0%
Mais de 5 SM até 10 SM, R\$ 1.301,00 até R\$	Count		1	4	12			1	2	4		1	4	1	1	30	
	% within Renda Familiar		3,3%	13,3%	40,0%			3,3%	6,7%	13,3%		3,3%	13,3%	3,3%	3,3%	100,0%	
Mais de 10 SM até 20 SM, R\$2.601,00 até	Count				1					1			1			3	
	% within Renda Familiar				33,3%					33,3%			33,3%			100,0%	
Mais de 20 SM, mas de R\$5.201,00	Count				1					1						2	
	% within Renda Familiar				50,0%					50,0%						100,0%	
Total	Count	6	23	18	50	2	10	16	15	20	4	5	15	9	193		
	% within Renda Familiar	3,1%	11,9%	9,3%	25,9%	1,0%	5,2%	8,3%	7,8%	10,4%	2,1%	2,6%	7,8%	4,7%	100,0%		

Você ouve com maior frequência músicas tocadas em:

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	Toca-fitas	5	2,1	2,1
	Aparelho de CD	98	41,2	41,7
	Toca discos (vinil)	1	,4	,4
	Rádio	125	52,5	53,2
	Computador	4	1,7	1,7
	DVD	2	,8	,9
	Total	235	98,7	100,0
Missing	NS/ NR	1	,4	
	System	2	,8	
	Total	3	1,3	
Total		238	100,0	

Quais são as três emissoras de rádio que você ouve com mais frequência?

		Frequency	Percent
Valid	Cidade	69	29,0
	105 FM	53	22,3
	Laser	25	10,5
	Educadora	33	13,9
	CBN	5	2,1
	Nova Brasil	3	1,3
	Antena 1	1	,4
	Jovem Pan	3	1,3
	Morena Aleluia	1	,4
	89 FM	1	,4
	Notícia	2	,8
	Central	6	2,5
	Globo	3	1,3
	Jequitibá	2	,8
	Não ouve rádio	7	2,9
	FM - Sky	1	,4
	AM - Central	1	,4
	FM - Shalon	1	,4
	FM - Valinhos	1	,4
	FM - Terra	2	,8
	FM - Cultura	1	,4
	FM - 105,9	1	,4
	FM - 100,9	1	,4
	FM - 94,5	1	,4
	AM - Antonio Carlos de ...	1	,4
	FM - 91,7	1	,4
	FM - 107,9	2	,8
	FM - 95,1	1	,4
	FM - Difusora	1	,4
	FM - Notícias de Americana	1	,4
Total	231	97,1	
Missing	Não sabe/ não respondeu	2	,8
	System	5	2,1
	Total	7	2,9
Total		238	100,0

Quais são as três emissoras de rádio que você

		Frequency	Percent
Valid	105 FM	35	14,7
	Laser	22	9,2
	Educadora	34	14,3
	CBN	4	1,7
	Nova Brasil	5	2,1
	Antena 1	10	4,2
	Jovem Pan	16	6,7
	Morena Aleluia	1	,4
	89 FM	3	1,3
	Vox 90	5	2,1
	Notícia	2	,8
	Mix	1	,4
	Central	13	5,5
	Globo	2	,8
	Bandeirantes	2	,8
	Brasil/ Jovem Pan	1	,4
	FM - Sky	2	,8
	FM - 92	2	,8
	AM - Central	1	,4
	FM - Shalon	3	1,3
	FM - Morena (Universal)	1	,4
	FM - Terra	2	,8
	FM - 90,5	1	,4
	FM - Betel 105,3	1	,4
	FM - 99,9	1	,4
	FM - 94,5	2	,8
	FM - 100,3	1	,4
	FM - 99,5	1	,4
	FM - Digital	1	,4
	FM - 95,1	1	,4
	FM - 102	1	,4
	Total	177	74,4
Missing	System	61	25,6
Total		238	100,0

ouve com mais frequência?

Quais são as três emissoras de rádio que você ouve com mais frequência?

		Frequency	Percent
Valid	Laser	3	1,3
	Educadora	13	5,5
	CBN	1	,4
	Nova Brasil	3	1,3
	Antena 1	9	3,8
	Jovem Pan	18	7,6
	Morena Aleluia	3	1,3
	89 FM	11	4,6
	Vox 90	13	5,5
	Notícia	6	2,5
	Band	1	,4
	Transa Hits	2	,8
	Mix	1	,4
	Clip	1	,4
	Globo	7	2,9
	Bandeirantes	2	,8
	Brasil/ Jovem Pan	2	,8
	AM - 1090	1	,4
	FM - Terra	2	,8
	AM - Campinas	1	,4
	FM - Harmonia	1	,4
	FM - Cultura	1	,4
	FM - 94,8	2	,8
FM - 100,9	1	,4	
FM - 94,5	3	1,3	
FM - 104,7	1	,4	
FM - Conexão	6	2,5	
FM - Metrópole 95,8	1	,4	
FM - 91,7	1	,4	
FM - 95,9	1	,4	
FM - 107,9	1	,4	
FM - 99,5	1	,4	
FM - Digital	3	1,3	
Total	123	51,7	
Missing	System	115	48,3
Total		238	100,0